

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

Secretário

José Joaquim Gaita

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

Editor

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 1.º

LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1939

N.º 2

NOITE DE NATAL

pelo Dr. José Gaita

HÁ perto de dois mil anos, no dia 25 de Dezembro, em Belém, cidade da Judéa, num abrigo de pastores e estábulo de animais, nasceu Jesus Cristo, o Salvador do Mundo!

Nascido entre humildes, foram palhinhas o seu primeiro enxoval, rústica mangedoura o seu primeiro berço. Pacífico jumento e mansa vaquinha ouviram seus primeiros vagidos, tranqüilamente fitaram seu corpo de bambino e com doçura o bafejaram.

Este acontecimento tão banal do nascimento de uma criança em condições tão simples e em meio tão pobre, trazia em si um potencial de Luz e Vida de tal maneira grandioso e brilhante, que veio iniciar uma nova era na História da Humanidade.

É o Natal a festa do seu aniversário. O próprio ateu, que não sente a alma aquecida pela chama vivificante da crença, tolera a celebração deste dia memorável, sentindo-se feliz com a alegria comunicativa dos seus semelhantes, com a satisfação dos que acreditam que o nascimento dessa frágil criancinha trouxe à

humanidade uma concepção de vida superior, mais bela e espiritual, uma mística na qual as almas, torturadas pela dor, vislumbram sempre o remédio consolador da esperança!...

Sábios eminentes, analisando friamente a concepção e nascimento de Jesus, pretendem negar a sua existência. Mas as multidões sofredoras não se convencem... Elas sentem-NO dentro de si, «como a raiz na árvore e a estrela no firmamento; vêem-NO por igual, na paz e na guerra, no Bem e no Mal!... E, como o Simão, de Jerusalém, homem justo e temente a Deus, louvam o Criador por lhes dar Jesus a luz verdadeira que alumina todo o homem que vem ao mundo.

É o Messias que desceu à terra para dar testemunho da existência de um Deus misericordioso, infinitamente perfeito, justo e bom para todas as criaturas.

As populações pressentem a sua vinda! Por isso, «assim como o relâmpago que sai do oriente e se mostra até o ocidente», assim a Boa Nova do Seu nascimento, na tósca gruta da Palestina, em

breve se espalhou por todo o Universo (*Mateus, XXIV — 27*).

A passagem de Jesus neste planeta de expiação e sofrimento é o símbolo vivo da humildade, da tolerância, da abnegação e do amor do próximo.

Nasce pobre entre mansos animais — o jumento e vaquinha — que personificam resignação e paciência; vive e escolhe seus discípulos entre os pescadores, gente humilde, sóbria e simples; e morre crucificado entre dois ladrões!...

Ele sabia que tudo isto tinha de acontecer «para que se cumprisse o que fôra dito pelos profetas», mas levou com resignação até ao fim a sua cruz e esgotou até à última gota o cálice da sua amargura (*Mateus, II-23*).

Sua vida é um apostolado, uma luta ingente e constante, contra a corrupção, a tirania e a opressão dos sacerdotes judeus e dos Césares romanos...

Resistindo às tentações e seduições do mundo, desprezando as glórias da terra, o meigo Nazareno foi o Messias, o Redentor, que prégou a existência de um só Deus; e, afrontando as iras dos príncipes, do sacerdotes e dos anciãos do povo, exortava as multidões a que abominassem os ídolos pagãos e adorassem o Deus verdadeiro, que está nos Céus, e quere a salvação de todos os seus filhos.

Indiferente aos perigos e às ameaças daqueles que viam na sua doutrina a derrocada dos seus interesses e vaidades, a queda da sua opulência e predomínio, Jesus «percorria a Galiléa, ensinando nas sinagogas, prégando o Evangelho do reino de Deus, e curando as enfermidades e as moléstias do povo» (*Mateus, IV-24*).

Aos doze discípulos, os apóstolos, dando-lhes poder para expulsarem os espíritos imundos e para curarem toda a enfermidade e todo o mal, mandou-os anunciar pelas cidades, vilas e aldeias, quebradas e montes, a chegada do reino dos céus — a sua doutrina. Manda-os como mensageiros da paz e do amor e recomenda-lhes que sejam simples e mansos na sua missão de conduzirem ao aprisco as ovelhas transviadas: «Misericórdia quero e não sacrificios. Porque eu não vim cha-

mar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento», foram as palavras de ordem de Jesus aos seus generosos mensageiros (*Mateus, X-1; IX-13*). E para captar a confiança e simpatia dos humildes, exorta-os a viver na humildade, que não possuam ouro, nem prata, nem cobre; que não levem alforges para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; e que dêem de graça o que de graça receberam.

Desinterêsse, abnegação, tolerância e amor, são o lema do Mestre e dos seus discípulos. São os egrégios semeadores do abençoado grão da doutrina de transcendente beleza.

A sua obra esplêndida é coroada pelos mandamentos, cânticos de amor sublime aos fracos e aos desgraçados, repositório inesgotável de consolações para todos os que sofrem e têm fome e sede de justiça. «Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei; aprendei de mim que sou manso de coração — aconselha Jesus aos sofredores — e encontrareis descanso para as vossas almas» (*Mateus, XI-28, 29*).

Cristo nasceu pobre, viveu na pobreza e pobre morreu. Sobre o seu espólio de condenado — a túnica e as alparcas — seus algozes deitaram sortes...

Nada, nos deixou dos bens terrenos. Mas, em compensação, deixou-nos o bem supremo da Sua Palavra cheia de magia e suavidade, impressa nos Evangelhos, o livro por excelência, património espiritual da humanidade, onde os homens encontram lenitivo para as suas dores, justiça para as ofensas, tolerância para os pecados, esperança e consolação para todos os males!...

Os Evangelhos são o manancial de água viva onde se dessedentam e saciam as multidões sofredoras. São o elixir que cura todas as mágoas e sara todas as feridas. Livro maravilhoso, tesouro de todo o saber, de toda a grandeza e perfeição, é o alimento perene da alma humana!...

Eis, por que a noite de Natal, noite em que se comemora o aniversário do nascimento do Mestre, é noite de festa.

A humanidade, reconhecida, recolhe-

FALAM OS SÁBIOS

Sir William Crookes, célebre físico e químico inglês, membro da *Royal Society*, a quem se devem numerosas descobertas, como a do tálio, a dos raios catódicos e da matéria radiante, tendo as suas experiências servido de base às descobertas dos raios X:

«Tendo-me assegurado da realidade dos fenómenos espíritas, seria uma cobardia moral recusar-lhe o meu testemunho. Após 6 anos de experiências rigorosamente científicas, não digo que os fenómenos são possíveis: digo que são reais». (*Recherches sur les phénomènes du Spiritisme*).

* * *

César Lombroso, ilustre criminalista italiano, professor na Universidade de Turin:

«Depois de ter negado os fenómenos espíritas sem os observar, vi-me forçado a aceitá-los, quando, apesar disso, as provas mais manifestas e mais palpáveis caíram sob os meus olhos».

* * *

A. de Morgan, presidente da Sociedade de Matemática de Londres e Secretário da Real Sociedade de Astronomia:

se em adoração, em sentido preito de homenagem ao Salvador.

Noite de Natal, noite de festa!

É a noite mais bela e enternecedora do calendário cristão... Noite da festa da família, em que os ricos e os pobres, os velhos e as crianças, os felizes e os desgraçados confraternizam, entoando hinos ao Redentor.

Os espíritas que, ajudados pelos mensageiros do Além, procuram interpretar a palavra do Mestre, em espírito e verdade, devem exemplificá-la se quiserem ser bons obreiros. E na noite de Natal, junto da lareira, no recanto acolhedor do lar, sob o carinho dos afectos maternos, aconchegado pela ternura dos parentes e amigos, em qualquer parte onde se encontre, o espirita não deve esquecer-se dos seus irmãos a quem tudo falta e a quem a noite fria e, por vezes, tempestuosa, mais dolorosa torna a sua miséria. É dever do espirita minorar a desdita dêsses infelizes, repartindo com eles um pouco da sua abastança, da sua alegria. E,

«Eu estou absolutamente convencido de que tenho visto e ouvido, em condições que tornam a incredulidade impossível, fenómenos chamados espíritas que nenhum ser racional poderá explicar pela impostura, a coincidência ou o erro. (*De la Matière à l'Esprit*)».

* * *

W. J. Crawford, professor de mecânica aplicada na Universidade de Belfast:

«Estou pessoalmente convencido de que os operadores invisíveis (nos fenómenos psíquicos) são os espíritos de seres humanos que passaram ao Além».

* * *

J. Zoëllner, professor de Astronomia na Universidade de Leipzig. Presidiu à comissão de catedráticos alemães constituída por Flechner (físico), Weber (físico) e Schreibern (matemático) que estudou os fenómenos produzidos pelo médium Slade. Depois das sessões terem sido iniciadas, juntaram-se-lhes os professores Ludwig (fisiólogo) e Wundt (psicólogo):

«Adquiri a prova da existência de um mundo invisível que pode entrar em relações com a humanidade». (*Wissenschaftliche abhandlungen*).

quando não possa ajudá-los materialmente, não deve deixar de rogar ao Criador que lhes suavise o Karma, tornando-lhes mais leve a ascensão do Calvário!...

Noite de Natal! Noite de Paz!

Espíritas, semeai a Palavra do Mestre! Exortai os homens a esquecer inimizades, a perdoar as ofensas, a praticar os mandamentos cristãos. Pensai na paz. Fazei concentrações profundas, implorando a Deus que termine a guerra, que assola a Europa, tortura as almas e dilacera os corações.

Noite de Natal! Noite de Amor Fraternal!

Espíritas, mostrai que sois cristãos! Prègai o Evangelho; amai ao próximo como a vós mesmos; perdoai aos vossos inimigos e orai pelos que vos maltratam, odeiam ou perseguem...

Só desta forma cumprireis a Lei, exemplificada pelo Cristo na Terra, e sereis dignos do amor do Pai, que está nos Céus e faz nascer o Sol sobre bons e maus e descer a chuva sobre justos e injustos!... (*Mateus*, V, 45).

Sôbre a existência de Deus

pelo Dr. António Lebo Vilela

«Acima de tôdas as coisas — diz Taine (1) — há um axioma eterno cujo eco prolongado forma, por meio das suas inextinguíveis ondulações, a imensidade do Universo: fórmula criadora e imortal, eterna, onnipotente, inefável».

Eis a Idéa pura, o núcleo fundamental em torno do qual gravitam todos os seres numa vertigem de sonho, ignota, como em torno dum sol esplendente revolteiam os planetas obscuros bebendo luz, calor e vida — sol infinito que inunda o Universo, que banha todos os seres nas vibrações eternas do seu amor.

Quem pode duvidar de que há uma harmonia pre-estabelecida que condiciona a existência? Se há leis gerais invariáveis não haverá legislador (2)? Não será maravilhoso, por exemplo, que os ângulos diedros dos cristais tenham um valor específico (lei de Romeu de l'Isle)? Que na pequeníssima semente da mostarda exista a virtualidade da árvore fronde? Que o óvulo se organize de harmonia com o meio futuro em que terá de viver? Não se revela em tudo uma «idéa directriz» (Cl. Bernard) que orienta a vida para uma finalidade (3) pre-determinada? A ordem cósmica (4) donde decorre o princípio de causalidade — base de toda a ciência — não será uma prova evidente da existência de Deus? Se o acaso fôsse a lei suprema poderia haver ciência?

Se os seres não têm em si uma razão suficiente, não haverá fora deles uma razão necessária? Como seria possível a passagem da potência ao acto sem que houvesse um factor que a determinasse? E que outro factor poderia ser senão um «*movens immobile*»?

Bertauld (5) pretende destruir a necessidade da existência de Deus (6), proclamando a eternidade da matéria, mas esta concepção, além de carecer de

valor experimental, não resolve o problema do ser.

Tôda a modificação exige uma causa de modo que, mesmo admitida a eternidade da matéria, não se suprime a necessidade divina. Por sua vez a eternidade do movimento exige uma causa suficiente. Assim, tôdas as soluções que possam apresentar-se, independentemente da existência de Deus, apenas conseguem deslocar o problema sem preencher o vácuo que nos tortura o pensamento (7).

(1) *Philosophie française au XIX siècle.*

(2) Voltaire dizia:

«*L'univers m'embarrasse, et je ne puis songer que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.*»

(3) Janet — *Les Causes Finales.*

(4) «E' tão absurdo atribuir a ordem cósmica ao jogo das leis físicas sem ter em conta o Eu ordenador como atribuir a vitória de Marengo às combinações estratégicas sem ter em conta o primeiro Consul.» (Proudhon — *Système des contradictions économiques.* Prologue).

(5) — *Étude critique des preuves de l'existence de Dieu*, t. I.

(6) Banir a metafísica: pretensão louca de teóforos desvairados! São exactamente os que mais apelam para o valor da experiência que formulam as hipóteses metafísicas mais extravagantes. Quiseram destruir a metafísica, mas apenas conseguiram modificá-la, porque a metafísica só se combate fazendo metafísica. Então, incapazes de a destruir, desdenham-na, mas não lograram dispensá-la. Augusto Comte sentiu bem as deficiências do positivismo de que se fez o pontífice e porisso transitou para a metafísica, na segunda fase da sua vida intelectual. Poincaré diz admiravelmente que a ciência sem generalização não tem valor científico e a generalização é um processo essencialmente metafísico. O mesmo sucedeu com o raciocínio experimental que consiste em observar, supor, deduzir e verificar.

(7) Rousseau (*Émile*, IV, 19) diz: «*Conservai sempre a vossa alma em estado de desejar que haja um Deus, e jámais duvideis da sua existência . . . Fugi daqueles que, pretextando explicar a natureza, infiltram nos corações humanos doutrinas desoladoras, e cujo aparente cepticismo é mil vezes mais afirmativo e mais dogmatizador que o tom decidido dos seus adversários. Sob o desdenhoso pretexto de que só eles são iluminados, verídicos, sinceros, submetem-nos imperiosamente às suas decisões dogmá-*»

O mundo dos fenómenos é a trágica sombra do mundo das idéas, a projecção do absoluto no domínio do relativo, a particularização do geral, a pulverização do infinito. Tôda a realização é um esgotamento de possibilidades; uma queda brusca de potencial — a queda original; a agonia duma esperança que se converte em saudade — sonho alado de nuvem, desfeito em gotas de água; uma ância de Ideal agrilhoadada na tortura da forma que limita e prende; um arrependimento para a volúpia insaciável dos sentidos; o tédio da Solidão informe; a fuga do caos em busca do Nirvana. É a morte do poder ser, do vago, do indeterminado, do indefinido!

O mundo das idéas é o próprio caos, eterno, imensurável, inconcebível, onde tôdas as formas têm a sua virtualidade, onde tôdas as possibilidades se escondem, onde tôdas as energias se condensam. É o manancial inesgotável donde brotam tôdas as intuições do nosso espírito que formam a essência do pensamento — fonte perene de águas vivas que dessedentam a nossa imensa sede espiritual.

A necessidade da existência de Deus não é apenas de ordem intelectual, mas também de ordem moral. Que outra origem podia ter êste facho luminoso, inextinguível, que é o pensamento, êste mistério profundo, insondável, que é a consciência? Que mãos invisíveis fazem vibrar, na natureza, essa mística harmonia que é o amor, que já nos minerais entoa os primeiros epitalâmios no ritmo mecânico das afinidades químicas, inspira nas plantas o doce idílio dos pólenes e toma nos animais o carácter de instinto

tics, e pretendem impôr-nos, como verdadeiros princípios das coisas, os sistemas ininteligíveis que architectaram em sua própria imaginação. E assim, demolindo, arrosando e calcando aos pés tudo o que a humanidade respeita, tiram aos aflitos a única consolação da sua miséria, e aos ricos e poderosos o único freio das suas paixões; arrancam do fundo do coração o remorso do crime, a esperança da virtude e ainda se gloriam de ser os bemfeitores do género humano. Nunca, dizem elles, a manifestação da verdade pode ser prejudicial ao homem. Nisto também eu penso como elles, e, a meu ver, é esta uma grande prova de que as suas doutrinas não são verdadeiras».

até se elevar, no homem, à pura abstracção de sentimento moral?

Donde vem a fôrça analética, prodigiosa, que nos ampara e nos sustém, que nos alenta e nos conforta, fôrça a que se chama coragem, paciência, resignação, sorriso bemdito de feridas que sangram — lábios vermelhos da dor — sacudir de guisos com que o jogral abafa os gemidos, estoicismo singular, analgico, das almas que a dôr tempera?

Que poder transcendente exerce sobre nós essa atracção incoercível, amaviosa, a que se chama esperança, apoteose deslumbradora que nos fascina e nos eleva em doce anagogismo, luz inebriante que inunda de claridades as trevas do desalento, como um luar esplendoroso rasgando horizontes ilimitados, voz enigmática de Esfinge, perdida no deserto, eco dum beijo que vem do Céu beijar a desventura, que transfigura em prazer o mais áspero sofrimento, reflecte no pranto a miragem dos sonhos, e faz florir as chagas gerando mártires?

Quem semeou no coração humano êsse gérmen sublime de amor que se desenvolve e cresce incessantemente, — a caridade, suprema virtude, ambrósia celeste, bálsamo suavíssimo que se derrama sobre as misérias do mundo, edulcorando-as, auréola radiosa de santos, alívio de tristes, bênção redentora, floração de estrêlas cintilantes?

* * *

A idea de Deus é o fulcro de tôdas as religiões e de tôdas as filosofias, sem excepção alguma, porque a sua existência é a base de tôda a existência. Para que exista qualquer coisa daquelas que estamos habituados a conhecer, é preciso que a sua substância já existisse anteriormente à sua nova existência, e que alguma coisa provocasse tal modificação. Não podemos, portanto, encontrar a Causa primária dentro do nosso conhecimento directo, e, fora dêle, só por indução a podemos atingir, a não ser que já exista em nós num estado virtual, como intuição íntima. Eu creio que a intuição é uma forma de reminiscência dum conhecimento anterior, atingido quer directa, quer

indirectamente, e apresentando-se sob esse aspecto pela sua natureza inata.

Se não houvesse conhecimentos inatos, certamente não podia haver axiomas. Mas vai uma grande distância dum dogma a um axioma:—o dogma não se discute por ser meramente convencional e para que não se verifique que encerra um princípio arbitrário; o axioma não se discute, porque é uma verdade evidente. Porisso o dogma é uma barreira do progresso; e o axioma uma síntese de progressos realizados.

Todo o axioma implica um raciocínio automatizado pelo hábito e que, por isso mesmo, se efectua fora do domínio da consciência. Mas o homem não se contenta com as puras e vagas intuições da consciência; quer clarificá-las, robustecê-las, e assim se explica que se tenha sempre procurado demonstrar a existência de Deus—o supremo axioma da vida.

Tudo quanto existe requiere a existência dum poder criador, porque aquilo cuja existência conhecemos, não se podia ter criado só por si; e porisso esse poder criador, há-de ser diferente de tudo quanto pode estar ao nosso alcance, caindo no círculo estreito da nossa relatividade objectiva. Se a idéa de Deus fôsse qualquer outra, sem ser a que decorre dêste enunciado, vago, como não pode deixar de ser, ela não representaria a *Causa primária*, e permaneciam então as dificuldades causais, que sugere a existência do *contingente*. Assim, de dedução em dedução, remontando do efeito à causa na infinita cadeia dos fenómenos, deslocamos apenas as dificuldades para um ponto mais remoto e mais incerto, sem as resolvermos. Somos portanto induzidos a aceitar a existência dum *Criador incrédo*—o «*primum movens immobile*» do aristotelismo—de cujo poder criador não podemos duvidar, porque temos bem patente a sua Obra, e cuja origem e natureza não podemos prescrutar, exactamente por ser diferente de tudo quanto humanamente podemos conhecer.

O que nos leva principalmente à necessidade da existência de Deus, é a impossibilidade de explicar o *contingente* por si mesmo: e porisso a idéa de Deus há-de exprimir alguma coisa de incon-

tingente, que só a noção de Absoluto pode traduzir. O homem encontra na natureza a *substância* e a *forma* e sobre elas actua limitando-se a modificá-las. E assim, o papel do homem é descobrir e modificar, enquanto o papel de Deus é criar e manter. O *Relativo* vive no espaço e no tempo; no *Absoluto* não há espaço nem tempo. E se o Relativo jámais pode atingir o Absoluto, pode contudo aproximar-se dêle, indefinidamente, pela sua mais nítida compreensão.

O homem não pode fazer uma idéa definida de Deus, sem lhe fazer perder o seu carácter, humanizando-o e é por isso que as concepções de Deus enfermam sempre de ser humanas. Definir uma idéa é limitá-la encarcerando-a numa forma; e só podemos definir o que em nós se contém e dentro dos limites da nossa própria consciência. Assim, só podemos conceber Deus relativamente ao grau de desenvolvimento do germen divino que existe em nós.

A idéa de Deus vive em todos os actos da humanidade, porque existe inata na alma humana onde se revela e brilha sempre sem que o homem a possa eliminar. Era como se uma criança, colocada no campo de um espelho, quisesse negar a sua própria existência, e fechasse os olhos, julgando apagar assim a imagem reflectida:—o espelho imperturbável continuava a reflecti-la. Porisso, até os que se dizem ateus, são crentes, porque existem, e o simples facto de existir, implica, pelo menos, implicitamente, a idéa dum poder Criador. Os homens estão habituados a empregarem o seu dialecto próprio e a não quererem usar dos dialectos alheios, porque não compreendem, ou não querem compreender (o que é pior ainda), que êles traduzem todos as mesmas coisas. E enquanto assim fizerem nunca se podem entender, porque não sabem traduzir as palavras dum dialecto diferente para o seu. É a fórmula ritualesca dos preconceitos que os divide; é o frágil véu das palavras que os separa!

O cepticismo pirrónico—a verdadeira manifestação pessimista—é também inconsistente com o seu desdém, porque aqueles que têm a pretensão de duvidar de tudo, não duvidam da sua dúvida. E

sua *existência necessária*, existem independentemente da concepção humana da divindade. Para se eliminar Deus, portanto, não basta destruir a idéa que fazemos d'êle — admitindo, que essa idéa podia ser destruída e não apenas modificada — mas destruir a necessidade indestrutível da sua existência, pela destruição completa de tôdas as causas segundas. E bastaria o facto de se conseguir essa destruição, para se revelar Deus naquele que o conseguisse. Era uma questão de sinal.

Os cientistas que procuram negar a existência de Deus, esquecem-se de que, se êle não existisse, não podia haver ciência, porque não haveria um plano preestabelecido que encadeasse as causas e os efeitos ordenada e continuamente, permitindo deduzir, induzir e reproduzir. Em vez de equilíbrio e harmonia, havia apenas qualquer coisa que nem podemos vislumbrar o que fôsse, como não podemos vislumbrar o que não existe. A observação e a experiência não conduziriam a resultado algum.

O «acaso» é o eterno fantasma da ignorância das causas, porque é uma expressão simbólica do *desconhecido*; e o desconhecido não podia ter sido criado por quem o desconhece. A existência do desconhecido é uma prova clara da existência de Deus, ou, pelo menos, dum poder superior a nós que o produziu.

O *argumento ontológico*, provando a existência de Deus pelo facto de ser concebido, é, a nosso ver, a prova mais intellectual, mais bela e mais profunda que jámais o homem produziu. Realmente, como podíamos nós conceber Deus se Deus não existisse? Seria exceder tôda a possibilidade: o relativo gerar o absoluto, o limitado produzir o infinito, o imperfeito criar a perfeição!... Como podia haver mesmo qualquer aspiração sem o pressentimento de alguma coisa a realizar? O pressentimento implica o conhecimento virtual e íntimo, que por isso mesmo é vago e profundo, duma realidade futuramente sensível. E como possuir êsse conhecimento transcendente de possibilidades se Deus não existisse projectado em nós pelo seu acto de criar? Se Deus não existisse em si, existiria, pelo

desde que exista um só elemento de certeza, existe Deus necessariamente. Não é modificando a idéa de Deus que ela se elimina, e porisso, as doutrinas negativas, não podem nunca triunfar com os seus sofismas. A idéa que possuímos de Deus, é a resultante lógica das suas manifestações, e êsses determinantes da menos, naquele que o concebesse. Para nós tudo o que existe de concreto é a manifestação dum princípio abstracto, a expressão duma idéa geral que absorve em síntese um conjunto de idéas especiais: e assim, o Universo na sua totalidade, é a manifestação de Deus, a expressão da *Idéa Integral*.

Foi sempre do estudo da Natureza que o homem subiu à concepção de Deus, que varia, logicamente, com o seu grau de conhecimento; — é o estudo da causa pelos seus efeitos. Quanto melhor conhecermos a Natureza, tanto mais nítida e precisa será a concepção de Deus, porque à medida que subimos, os horizontes vão sendo cada vez mais amplos e mais profundos, permitindo assimilar uma idéa mais elevada e mais próxima daquela que o traduz na sua integridade.

Ao homem primitivo, todos os fenómenos se apresentavam com um carácter de independência, como que isolados, (desconhecendo as leis que os regem e encadeiam), o que o levou ao politeísmo, para explicar, por princípios inteligentes, a causalidade primitiva, necessária, em que adivinhava uma *intenção* oculta.

Mas, enquanto se atribuiu apenas ao princípio feminino, a faculdade espontânea de gerar novos seres, Deus era o *princípio feminino criador*; a mulher ocupava então um lugar proeminente na família, e tinha direitos especiais, superiores aos do homem, que lhe prestava humilde vassalagem. O regime civil era o *matriarcado*. Foi só mais tarde que o homem reconheceu o papel fecundante do princípio masculino e formulou assim uma concepção dualista de Deus que attribuía a dois princípios, de sexos diferentes, a criação, ainda por analogia com o que observava correntemente.

Desde então, a mulher ocupou um lugar secundário, porque o princípio feminino foi também considerado secundário.

Ele era a substância caótica, inerte e passiva, a noite do *Silêncio* e do *Não-sêr*, que o princípio masculino activo e superior fecundara com a seiva da vida, produzindo o primeiro fenómeno — a *Luz*. Foi esta hipótese que os Atlantes espalharam pelo mundo antigo, servindo de fundamento às religiões da antiguidade, tomando as modalidades mais variadas, desdo o dualismo *mazdeista* que assim procura resolver o problema do mal, (resolvido mais fácil e logicamente pelos arianos com a teoria das vidas sucessivas), ao dualismo *gnóstico* e *manequista*, e transparecendo ainda hoje nas religiões e filosofias que ali se foram inspirar. O monoteísmo começou verdadeiramente, quando essas duas divindades se fundiram numa só, hermafrodita, como o Mithra-Mithras do *mazdeísmo*, que resultou da fusão das antigas crenças da Pérsia com as concepções arianas.

* * *

A negação de Deus, corresponde à negação de tudo quanto faz parte do nosso conhecimento e até d'ele próprio. As

doutrinas negativistas têm sido o maior flagelo da humanidade que não pode triunfar na vida enquanto a estrêla polar da esperança se encobrir num Céu caliginoso de descrença.

São elas que avolumam o mal, reduzindo a vida aos horizontes estreitos duma animalidade efémera, sujeitando-a a um determinismo cego, a um fatalismo irreductível, que enfraquecem todas as energias num desalento invencível e torturante, dissolvendo o sentimento do livre-arbítrio e conseqüentemente da responsabilidade, apagando o anseio de justiça e destruindo a aspiração do Bem. São elas que alimentam o egoísmo desvairado e a dissolução moral do nosso tempo em que o homem é rival do homem, numa luta de ambições encarniçada e feroz. E enquanto os que dominam se julgam deuses, os outros sentem-se escravos!

A história da humanidade mostra bem que os períodos de maior decadência, coincidem sempre com as épocas de máxima descrença.

Por esse mundo...

Na Inglaterra é cada vez maior a confraternização entre espiritas e pastores anglicanos. O nosso confrade sr. Barton falou há tempo na igreja de Tauton e o Reverendo Lee prêgou no centro espirita da mesma cidade.

— O Instituto Britânico de Opinião Pública realizou um inquérito acerca da sobrevivência, cujo resultado foi o seguinte: 49 % responderam afirmativamente; 33 %, negativamente e 18 % sem opinião.

— Artur Ford é um dos maiores médiuns da actualidade. Em dado momento, fazia demonstrações de clarividência numa sessão pública, em que se encontrava um curioso que ali fôra por mero acaso. Ford dirige-se ao homenzinho e exclama: «O sr. vai descontar um cheque para custear uma acção judicial. O cheque está no seu bolso e é de vinte e oito dólares.»

O assistente tirou o cheque do bolso e mostrou-o a um visinho. O seu valor era de 27 dólares e 50 centimos...

— O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas Espiritistas, a que nos referimos noutra secção e que em breve se inaugurará no Rio de Janeiro, constituirá um verdadeiro acontecimento cultural, a avaliar pelas te-

ses que ali serão apresentadas, as quais passamos a enumerar:

I — O Espiritismo e a idea de pátria, pelo Dr. Luiz Autuóri.

II — O Espiritismo e as leis sociais, pelo Dr. Henrique Andrade.

III — O Espiritismo e as religiões, pelo Dr. Carlos Imbassahy.

IV — O Espiritismo e a educação, pelo prof. Leopoldo Machado.

V — O Espiritismo e os seus fundamentos científicos, pelo Dr. Azevedo Silva.

VI — O Espiritismo e a medicina, pelo Dr. Levindo Melo.

VII — O Espiritismo e a psiquiatria, pelo Dr. Inácio Ferreira.

VIII — O esperanto e a sua grande influência na fraternidade humana, pelo prof. Ismael Gomes Braga.

— A peça espirita, intitulada «A volta de Peter Grimm», esteve em cena, durante cerca de dois anos em Nova-York, sempre com pleno êxito. O assunto

(Conclue na página 30)

Organização e funcionamento dos Grupos Espiritas Familiares

pelo Dr. Pedro Dias de Sousa

Ficou suficientemente esclarecido no meu artigo anterior ⁽¹⁾, não só com as transcrições feitas do *Livro dos Médiuns* de Allan Kardec e da obra de Léon Denis, *No Invisível*, como pela própria análise dos resultados até agora obtidos, entre nós, em matéria de Espiritismo experimental, que a falta de valor probatório, de elevação moral e de interesse científico que é apanágio da esmagadora maioria das sessões práticas, se deve, sem dúvida e principalmente, ao facto de ser muito elevado, regra geral, o número de assistentes às referidas sessões.

Dêste defeito inicial decorrem, necessariamente, todos os outros, o que é suficiente para condenarmos o processo e tentarmos outro em que, pelo menos, não tenhamos que enfrentar essa dificuldade.

Quando pomos em relêvo, como causa do insucesso das sessões experimentais, o número elevado dos assistentes, não desejamos, de forma alguma, que se conclua, que essa circunstância é a única a influir, ou que haja restrições definitivas para os assistentes, pois, como diz Allan Kardec, «não há limite algum para o número, e compreende-se que cem pessoas suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez distraídas e ruidosas» ⁽²⁾.

É evidente, contudo, como acrescenta o mesmo autor, que quanto maior for o número, mais difícil será conseguir completo recolhimento e perfeita comunhão de pensamentos, condições indispensáveis à boa produção dos fenómenos. E, por isso, conclui: «A dificuldade de reunir muitos elementos homogêneos, leva-nos a dizer que no interesse dos estudos e pelo bem da própria Causa, as reuniões espiritas devem visar de preferência multiplicarem-se em pequenos grupos, em vez

de procurarem constituir-se em grandes aglomerados» ⁽³⁾.

Julgamos ter dito o bastante para *vencer e convencer* de que o sistema dos Grupos Familiares de um muito limitado número de pessoas, deve ser preferido por quem deseje fazer Espiritismo experimental.

* * *

Vejamos, agora, como se deve proceder pelo que diz respeito à *organização* dos Grupos Espiritas Familiares.

O primeiro cuidado de quem deseje organizar um desses Grupos, deve ser o de reunir um núcleo de pessoas, *crentes sinceras*, de preferência dum e doutro sexo e que possuam *evidentes afinidades psíquicas*, quer dizer, entre as quais reine uma atmosfera de grande benevolência e franca simpatia.

Se o Grupo já dispuser de médium ou médiuns, essa benevolência e simpatia devem ser-lhes extensivas e, evidentemente, correspondidas sem reservas.

Um Grupo que se constitua menosprezando esta indicação, por a considerar supérflua ou de sômenos importância, começa mal, e ninguém deve ficar surpreendido se os resultados não corresponderem à expectativa, pois compreende-se que num meio em que a má vontade e a indiferença assentam arraiais, não será fácil obter fenómenos que dependem, principalmente, duma perfeita homogeneidade de bons pensamentos.

⁽¹⁾ Vide N.º 1 desta Revista — *Espiritismo Experimental*.

⁽²⁾ O Livro dos Médiuns.

⁽³⁾ Idem (O *itálico* é nosso).

Em seguida, é conveniente que, além de crentes sinceros e de possuírem evidentes afinidades psíquicas, os componentes do Grupo tenham, pelo menos, algumas noções da parte experimental, moral e filosófica do Espiritismo, a-fim-de poderem acompanhar, sem hesitações, dúvidas ou surpresas, o desenrolar dos acontecimentos.

É indispensável, finalmente, que todos estejam firmemente dispostos a empreender e prosseguir um estudo sério, persistente e desinteressado do Espiritismo.

Podemos, portanto, resumir, nos seguintes pontos, as condições necessárias a uma boa experimentação :

Perfeita comunidade de vistas e de sentimentos ;

Simpatia e benevolência recíprocas ;

Exclusão de todo o sentimento contrário à verdadeira caridade cristã ;

Desejo de se instruir e aperfeiçoar pelo ensino dos bons Espíritos, e de se aproveitar dos seus conselhos ;

Concentração e silêncio respeitoso durante as comunicações com os espíritos.

Não se pode perder de vista que as pessoas escolhidas para constituírem o Grupo, devem dispor livremente de si próprias, a-fim-de serem pontuais e assíduas aos trabalhos.

Num primeiro exame, poderá parecer difícil reunir um grupo de pessoas tôdas possuidoras destas qualidades que vimos de indicar. Lembremo-nos, porém, que um Grupo pode começar a funcionar com um número muito reduzido de assistentes, e à medida que for aparecendo quem reúna as condições aconselhadas, se irão preenchendo os lugares, até ao número máximo de dez.

Quem organiza um Grupo e pretende trabalhos sérios e proveitosos, não tem que preocupar-se com a *quantidade*, mas com a *qualidade* dos assistentes, pois vale mais pouco e bom do que muito e mau.

* * *

Quanto ao *funcionamento* dos Grupos Espíritos Familiares, vamos indicar as regras mínimas a que, em nossa opinião, deve obedecer. Fica, no entanto, livre a sua modificação, desde que a ela presida um elevado juízo crítico.

Como se verificará, algumas dessas regras são de tal forma imperiosas, por eviden-

te necessidade, que não é de aconselhar qualquer alteração.

Escolhidas as pessoas que hão-de fazer parte do Grupo, elegerão, de comum acôrdo, o presidente e dois secretários, devendo a escolha do primeiro recair sobre quem possua maior soma de conhecimentos do Espiritismo e esteja em condições de se impôr aos restantes e aos próprios espíritos pela moralidade da sua conduta pública e particular.

Ao presidente incumbe a orientação dos trabalhos, a manutenção da ordem e a catequese dos espíritos ; aos secretários, a recolha das comunicações, a elaboração e leitura das actas e a redacção da correspondência do Grupo.

As sessões, que se realizarão quinzenal ou semanalmente, deverão sê-lo sempre às mesmas horas, nos mesmos dias do mês ou da semana e no mesmo compartimento, que só em último caso será quarto de dormir ou sala de refeições, e serão divididas em duas partes : Na primeira, cuja duração não deverá ir além de três quartos de hora, far-se-á a leitura da acta e das comunicações da sessão anterior, leitura de trechos escolhidos de livros e revistas e ligeira palestra feita pelo presidente ; na segunda parte, cuja duração não deverá ir além de uma hora e meia, proceder-se-á à experimentação.

Sob pretexto algum se deve dar começo a uma sessão sem prévia preparação do ambiente por meio duma concentração.

Os trabalhos serão encerrados com preces adequadas.

Para que as sessões possam iniciar-se às horas marcadas, é indispensável que os componentes do Grupo compareçam com a devida antecedência, que poderá ser, por exemplo, dum quarto de hora, abstendo-se, durante esse tempo, de conversas que possam perturbar o ambiente que é necessário preparar e manter durante a sessão.

Os lugares, previamente designados pelo presidente, serão sempre os mesmos e só poderão ser alterados por indicação do Guia espiritual do Grupo ou por desistência definitiva do seu ocupante.

Os assistentes formarão um semi-círculo em frente do médium ou médiuns, à esquerda ou ao meio dos quais tomará lugar o presidente.

A menos que se trate de médiuns com perfeito e absoluto domínio sobre si próprios,

e que possam, portanto, alternar-se nas manifestações, não deve estar presente mais de um médium de encorporação.

As sessões devem decorrer num ambiente de grande e elevado espírito cristão, num culto ardente e fervoroso a Jesus, num apêlo constante ao auxílio dos Espíritos superiores e no desejo sincero de contribuir para o melhoramento dos atrasados e de conseguir o próprio avanço espiritual através dos ensinamentos que fôrem ministrados.

Embora consideremos indispensável a orientação nitidamente cristã das sessões espíritas, desejamos, contudo, excluir o fanatismo, por o considerarmos contrário a uma boa e lógica apreciação dos factos, e em Espiritismo o que mais interessa é analisar e concluir livremente. Ao presidente do Grupo, caberá, portanto, moderar todos os exagêros que possam afastar os presentes dêste objectivo.

Pelo que respeita a visitantes, não deverá o presidente admiti-los senão em número muito reduzido, dois, por exemplo, e só quando os trabalhos do Grupo estejam a decorrer com tóda a normalidade e os seus componentes absolutamente seguros de poderem conseguir uma firme e conveniente concentração. Essas visitas, porém, e para as mesmas pessoas, não deverão ser consentidas mais de duas ou três vezes, por razões que facilmente se compreendem.

* * *

Referir-nos-emos, agora, ainda que a traços largos, aos médiuns, que teem, também, a sua disciplina e regras especiais a observar.

Pela missão que são chamados a desempenhar nos Grupos Familiares, os médiuns devem dedicar-se-lhes inteiramente, e não realizarem trabalhos fóra dos dias destinados às sessões.

Por razões óbvias, é da maior conveniência que, salvo casos de força maior, sejam assistidos sempre pelo mesmo director.

O médium não deve prestar-se a experiências fóra do ambiente do seu Grupo, especialmente as magnéticas, hipnóticas e as hipnó-magnéticas.

Nos dias destinados a trabalhos, os médiuns devem tomar as suas refeições por forma a que a digestão esteja terminada quando

começar a sessão, visto que a digestão, exigindo um gasto de energia considerável, prejudica as manifestações e a boa marcha dos fenómenos.

Quando o seu estado de saúde o não permita ou, por qualquer circunstância, sintam enfraquecidas ou anuladas, momentaneamente, as suas faculdades, devem os médiuns declará-lo lealmente, em vez de tentarem a fraude ou fornecerem fenómenos insignificantes.

Quando tal aconteça, os Grupos aproveitarão o tempo fazendo leituras dos livros aconselhados.

* * *

Responde-se neste artigo a tódas as perguntas que nos teem sido feitas a propósito da organização e funcionamento dos Grupos Espíritas Familiares.

O Centro «Luz e Amor», por intermédio da sua Direcção, fornecerá aos sócios que o solicitem, o regulamento interno para as sessões e orientará os trabalhos do Grupo, auxiliando a pesquisa e o desenvolvimento das diversas mediunidades.

FALAM OS SÁBIOS

Sir William Barrett, professor de fisica na Universidade de Dublin, membro da *Royal Society* :

«Por minha parte, estou absolutamente convencido de que a ciência psíquica provou, experimentalmente, a existência duma entidade transcendente e imaterial, duma alma no homem. Estabeleceu, igualmente, a existência dum mundo espiritual e invisível de seres vivos e inteligentes, que podem comunicar connosco, quando se lhes oferece ocasião favorável. Acrescento, que, apesar de muitas ilusões, de simulações e outros erros, há uma massa crescente de provas que convergem a favor da sobrevivência do homem à morte e à dissolução do corpo e do cérebro. Não tenho, a tal respeito, a menor dúvida, bem que seja ainda necessário obter muitas provas, para se estar certo de que a personalidade dos que viveram na Terra, se não altera depois da desencarnação». (Au Seuil de l'Invisible).

* * *

Dr. Ochorowicz, professor na Universidade de Lemberg :

«Quando me recordo de que numa certa época eu me admirava da coragem de W. Crookes em sustentar a realidade dos fenómenos mediúnicos; quando reflito sobretudo que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava a cara dos seus colegas ao simples enunciado destas coisas, eu corro de vergonha por mim próprio e pelos outros».

NOVOS RUMOS

(Palestra realizada por Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, no acto inaugural dos trabalhos do mesmo Centro, relativos a 1939-940).

Meus prezados confrades:

○ Centro Espiritualista Luz e Amor está em actividade. Creio que deve ser acontecimento digno de registo nos anais do Espiritismo português, sobretudo numa hora em que o património espiritual do mundo sofre os embates de um materialismo que já não cuida de ocultar os seus desígnios.

Pois bem. Como espiritualistas que somos, não poderíamos ficar indiferentes à obra destruidora que se vai exercendo no planeta. E, sentindo que alguma coisa de útil nos seria dado empreender, dentro do campo espirita, congregámos elementos dispersos, reunimo-los em torno de um pensamento cristão e altruista, polarizador de muitos anseios ligeiramente esboçados, e reorganizámos o antigo Centro Espiritualista Luz e Amor, que não dera por terminada a sua missão, pelo facto da maioria dos seus associados terem ingressado, então, na recém-nascida Federação Espirita Portuguesa.

A prova disso está no facto que se comemora. A prova disso está no facto de muitos antigos sócios do Centro se encontrarem entre nós.

Graças a Deus, que podemos difundir a Doutrina Espirita, pela palavra e pela pena, à sombra da lei que nos rege a todos! Graças a Deus!

Por isso, o dia de hoje é de alegria infinita para aqueles que tudo sacrificaram para pôr em marcha esta idea consoladora.

Vemos de pé o nosso querido baluarte; sentimos o calor do vosso entusiasmo,

vibrando intensamente ao sabor duma vontade enérgica de rejuvenescimento espiritual; avaliamos a extensão dos novos horizontes que se oferecem à propaganda, na ascensão prodigiosa que aumenta sem cessar; e tudo isto, que é muito, que é muitíssimo, que excede extraordinariamente a nossa humilde expectativa, dá-nos incentivo a novos empreendimentos, impele-nos a tarefas mais vultosas, para a consecução das quais faremos apêlo a todas as forças da nossa vida.

*
* *

Meus prezados confrades:

Para tudo é necessário entusiasmo e fé. Para tudo é necessário trabalhar com afinco, pondo na obra a própria alma em prece votiva, como penhor de obrigação que se cumpre alegremente.

Sem sacrifício, sem renúncia, não há ideas que progridam, não há ideas que triunfem. Só o sacrifício e a renúncia de uns tantos que trocaram a comodidade natural da sua vida pela luta profícua, indiferentes à mófa de certos intelectuais, poderiam ter impulsionado uma doutrina filosófica que tantos obstáculos encontrou no seu caminho, não obstante a racionalidade dos seus postulados. Nem doutra maneira se poderá explicar a vertiginosa expansão do Espiritismo.

É verdade que elle tem detractores de respeito, prontos a vibrar o golpe de morte nos adversários que os prejudicam. Mas também é verdade que muitos dêsses

plumitivos acabam por se render à evidência e se transformam, a breve trecho, em acérrimos defensores do que tão arduosamente combateram.

*
* *
*

Os dirigentes do Centro Espiritualista Luz e Amor avaliam bem a grandeza das suas responsabilidades e sabem até onde chegam as suas forças. Por isso, não prometem, para não faltar. Procurarão elevar o Ideal, na medida do possível, dentro dos seus limitados conhecimentos.

Isto já é alguma coisa. Ter boa vontade e pô-la ao serviço da empresa comum, sem olhar a sacrifícios, deve ser motivo de confiança no futuro.

Nós confiamos no futuro. E o nosso passado responde a quaisquer dúvidas que se apresentem acêrca da nossa idoneidade.

*
* *
*

O Centro Espiritualista Luz e Amor não aspira a sedes pomposas, porque a sua obra será realizada a-través-de grupos familiares, organizados em casa dos sócios que o solicitem, e do seu órgão Estudos Psíquicos, que já conheceis e que se esforçará por melhorar o seu conteúdo, mercê de colaboradores fieis que não arredam pé da trincheira.

Há, porém, uma coisa, a que desejo fazer referência. É preciso imprimir carácter à nossa agremiação, torná-la inconfundível. É forçoso que todos trabalhem, melhorando constantemente as suas qualidades morais, pela leitura, pela meditação dos bons livros e assistindo regularmente às nossas sessões periódicas, que serão anunciadas oportunamente. Visar os defeitos que temos dentro de nós e pretendem manietar-nos, deve ser o nosso primeiro objectivo. Depois, temos que aprender a não julgar, para não ser julgado, visto que seremos medidos na medida em que medirmos, como disse o Cristo, nosso Guia e Mestre. Porque os juízos temerários devem ser afastados da consciência. Antes de apontar as fraquezas

alheias, será bom que meditemos nas nossas. Em resumo, isto não significa que nos devamos abster de apreciações, mas tão somente que se deve preferir sempre a defensiva à ofensiva. A defesa é lógica, é humana. Só não se defende, quem não tem armas para tal. Contudo, mesmo na defensiva, é indispensável que sejamos cristãos, que sejamos espiritas.

*
* *
*

O Centro Espiritualista Luz e Amor não impõe normas draconianas aos sócios que dêle fazem parte, mas entende que é dever de todos prestar o máximo auxílio à obra que se está realizando, pois só dêsse concurso podem vir as energias necessárias à consolidação do nosso agregado social.

Geralmente, o adepto é arrastado pelos primeiros entusiasmos e, nessa altura, sente-se capaz de coisas admiráveis. Ninguém duvida desta verdade indestrutível.

Temos visto empresas florescentes, levadas a efeito assim, mercê de oportunismos bem aproveitados. Mas não desconhecemos a existência doutras, às quais não bastou aquele entusiasmo e que perderam o valor ou pereceram, devido à falta de apóio moral e material dos que as ergueram e não souberam conservá-las, dos que as fundaram e não souberam mantê-las. Pois esta agremiação será o que nós quisermos que ela seja, se, de facto, soubermos querer, de verdade. Pelo contrário, sofrerá o destino de tantas outras, se não vigiarmos pelo seu bom nome, dando exemplos de isenção, pondo no nosso trabalho todo o desintêresse de que somos susceptíveis.

*
* *
*

Meus prezados confrades:

No meio de todos os solavancos sofridos nestes cinco meses de organização intensiva, alguns momentos houve de inesquecível prazer espiritual. Tivemos ocasião de verificar, por cartas que pos-

suímos, subscritas por confrades de todas as latitudes e pertencentes a tôdas as classes sociais, o entusiasmo que encheu os corações, quando souberam da reorganização do nosso Centro.

E vieram os da velha guarda, cavaleiros andantes da Doutrina, sempre dispostos ao bom combate. E vieram os de longes terras, ardorosos, entusiásticos, prazenteiros, oferecendo o seu abraço, em desejo ardente de união fraternal...

E não faltaram os doentes, nem os encarcerados, nem aqueles que, por se encontrarem em penúria extrema, não podiam pagar as suas cotas.

Vieram muitos. Vieram tantos que o seu número caminha para a terceira centena, em ritmo acelerado, como se uma potência oculta impulsionasse essas boas almas para o nosso grémio. Eis por que eu digo que triunfaremos, se soubermos cumprir o nosso dever de cristãos e espiritas.

Esperamos que assim seja. Esperamos que nos auxiliem na missão de que fomos investidos.

Os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor, unidos sob a bandeira fraternal que nos cobre a todos, contribuirão, não só para o prestígio do Espiritismo, como para seu prestígio próprio. Quem bem cumpre, reveste-se de força moral e é elevado na consciência dos seus contemporâneos.

Façamos tudo para que assim seja. Façamos tudo para que não haja motivos de arrependimento, dentro da família espiritual a que pertencemos. Façamos tudo para desfazer boatos que circulam, segundo os quais desejamos guerrear irmãos em crença, quando, a-final, todos os dias oramos por aqueles que nos possam querer mal e desejar o nosso aniquilamento. Para êsses possíveis adversários, erguemos todos os dias as nossas preces amigas, porque o nosso fim não se coaduna com processos de violência.

O nosso fim é mais elevado e nobre. O nosso fim é promover a comunhão das almas e libertá-las do tumultuar de paixões que arrastam às piores consequências. O nosso fim é encaminhar o homem para rumos novos, cheios de esplendorosas realidades.

O 2.º Congresso Espirita Português, cuja idea acaba de ser lançada por Estados Psíquicos e já está sendo acarinhada por valiosos elementos, poderia ter realização, se os nossos prezados confrades soubessem compreender o alcance de tal empreendimento e lhe dedicassem a sua atenção. Êsse Congresso poderia ser levado a efeito com o concurso da Sociedade Teosófica e constituiria excelente parada de forças espirituais, erguidas contra o reduto do materialismo feroz.

Não esqueçamos que foi o Centro Espiritualista Luz e Amor que promoveu o 1.º Congresso Espirita Português, em 1925, donde saiu a Federação. Porque não há-de ser o mesmo Centro o organizador do 2.º Congresso? Tenhamos fé e não percamos a esperança.

Como se vê, o nosso fim é mais elevado e nobre. Em vez de destruir, como homens sem fé e negadores sem base, procuramos construir honestamente e sinceramente.

Em vez de estimular a confusão geral, como fazem tantos, cuja ideologia assenta em falsos alicerces, prêgamos a renúncia às lutas estêreis e procuramos harmonizar os actos com as palavras.

Nada fazemos por nós.

Tudo pelo progresso e prestígio do Espiritismo, tudo pela união fraternal da família espirita, legendas do nosso trabalho modesto, mas porfiado e incessante.

Esta bandeira é o nosso refúgio.

Esta bandeira é o nosso lema.

PENSAMENTOS

Pode-se descender, por graus quasi insensíveis, desde a criatura mais perfeita até à matéria mais ínfima, desde o animal mais bem constituído até o mineral mais bruto.

Buffon

Padre cristão é uma denominação contraditória: o objectivo histórico para o qual tende o cristianismo é a abolição de qualquer sacerdotio interpôsto entre o homem e a verdade.

Chevalier Le Clement de St-Marcq

Nos sacerdotes, como no povo, a ignorância é muito mais de recear do que as luzes.

Massillon

Fenómenos Metapsíquicos

pelo Dr. Rodrigo Sanz

II

(Tradução de I. D. S.)

11. — O facto da simpatia ou antipatia instantânea, mútua e definitiva, entre duas pessoas, é também fenómeno telepático; e muito caracteristicamente, porque consiste em metagnose recíproca de duas almas que sintonizam o que toca os seus sentimentos fundamentais. Mas constituem espécie própria, porque a mútua metagnose se deve, provavelmente, a lembrança inconsciente (a *histerésia*, direi, tomando o vocábulo e a imagem da Física) de amizade ou inimizade das duas almas, em vida terrestre anterior.

Contentar-me-ei com esta maneira e conceito de tais fenómenos.

12. — Já não são telepáticos os de reconhecimento de lugares, coisas ou pessoas, que vemos pela primeira vez. Porque consistem, definidamente (não se vê outra explicação), em reminiscências concretas da vida corporal anterior.

São muito mais comuns do que se julga, pelo menos nas crianças, ainda que se extingam, na maior parte, com a idade.

E formam espécie afim os de preciosíssima e maravilhosa aptidão de talento ou propensão de índole, que sempre causaram a admiração do homem e cuja causa reside em vida ou vidas corporais anteriores. As almas reencarnantes trazem, pois, qualidades a que chamamos *inatas*, porque se manifestam anteriormente a toda a educação da criança e, muitas vezes, contra toda a educação e direcção da criança, do adolescente e do adulto; qualidades também de *histerésia* (*ayerismo*, quer dizer a palavra); formação de sentimentos, disposições intelectuais e propensões activas, com cujo hábito nasce o sujeito ou reencarna a sua alma.

13. — Outro grupo semelhante parecem constituir os fenómenos de *dualidade* ou *pluralidade de personalidade*, que se revelam pasmosos nos casos extremos de predomínio alternante de duas ou mais *personalidades subjacentes* (como sóe dizer-se) que, de quando em quando, oferece o sujeito, qual se fôra outro. Estes períodos explicam-se como história de uma alma que actuou divergentemente em duas ou mais vidas anteriores e cujo perispírito ainda não atingiu a unificação ou síntese de trabalho.

E ainda que em casos extremos, tais como o memorável de *Félida*, ou o portentoso de *Watseka*, o fenómeno assombre, não são, por certo, menos de considerar e estudar as idiosincrasias de cada um de nós, quando lutamos connosco próprios e nos achamos como dois sujeitos diferentes, bondoso e cruel, conselheiro e aconselhado, réu e juiz. Que é aquela dualidade penosa e aflitiva de que se queixava S. Paulo, quando dizia que encontrava em si duas leis e dois amos.

14. — E agora passaremos ao muito extenso grupo das *vidências*.

Aquêle amigo que se lembrava de mim no restaurante, creio eu — por outras razões — que era fino receptor de mais de uma frequência de ondas. E eis aí o conceito daquêle a que chamamos *vidente* ou *sensitivo*: sujeito que tem variados registos metagnómicos e pode receber acção directa de muitas outras almas operantes que, geralmente, podemos receber.

Estes fenómenos são mais caracterizados e, sobretudo, mais impressionantes, e, por isso, também mais admirados e estudados.

Formam muitas espécies e variados grupos, abundando as *vidências visuais*, as *auditivas*, bem como as *psicométricas* ou de qualidades morais e mentais.

15. — As *psicométricas* são, na realidade, as mais concebíveis; pelo menos, as mais fáceis. Porque, na comunicação directa de mente a mente, se os sentimentos e movimentos do ânimo são o que de forma mais imediata percebe o sensitivo, claro que a avaliação desses efeitos e impulsos por um sensitivo honrado e moralmente bem constituído deve residir na primeira metagnose que êle faça dalguém, visto que a avaliação se produzirá espontaneamente, ou por imediato choque antipático, ou por imediata conveniência simpática com o carácter emissor. Um degenerado, aberrante em emotividade, deve ser *calado*, por choque. Igualmente o colérico, o invejoso, o hipócrita, o dominado por ruim paixão. E um equilibrado, pessoa compreensiva e benigna, deve ser conhecido, acto contínuo, pela harmonia com os seus efeitos do vidente.

Nos seus graus inferiores, o fenómeno só nos *surpreende*, mas é muito vulgar. Essa aptidão para *fazer calar* uma pessoa, em minutos de conversação, ou por simples gestos, ademanos ou atitudes, é privilégio de muita gente. É a qualidade fundamental das cartomantes, a condição ordinária dos homens de negócio e dos políticos sagazes, e também dos cavalheiros de indústria e aventureiros... E não é menos de estudar, não, nestes graus inferiores. Não são os pobres naipes, mas a emoção da que vai deitar cartas, que elucida esta última e lhe permite conjecturar e acertar muitas vezes no que diz.

Em graus mais elevados, o fenómeno já é raro e nos *admira*. Há coisa de três anos, recebi o encargo de visitar um recluso em observação num manicómio, para formar juízo acerca da possibilidade de solicitar a sua saída, em virtude de haver cessado a perturbação mental de que sofria. Tive o cuidado — porque tais juízos são difficilimos — de levar comigo um vidente de toda a confiança (o do nosso Ateneu Espírita de Madrid). No diálogo com o recluso, variei os temas, fazendo-os saltar bruscamente, toquei-os de discreta tonalidade sentimental; enfim, procurei provocar reacções espontâneas daquele ânimo, a ver se mostrava indícios de demência. Nenhum observei: nem receio, nem arrogância, nem mania de perseguição. O

nosso vidente olhava e esperava em silêncio; e quando o interroguei, já despedidos do recluso, disse-me: — «Nada vi de anormal: a sua aura é de saúde e as suas mudanças de coloração, enquanto vós conversáveis, eram normais; os sentimentos que percebi, naturais; e tudo o que notei nesse homem acusa integridade mental: asseguro que já não está perturbado, embora eu acredite que o tenha estado por efeito de possessão». Eis uma psicometria genuína, ainda que auxiliada pela vidência da *aura*, ou *emanação* constante dos nossos corpos vivos.

E nos mais altos graus, quando o *psicometrado* está ausente, ou já não vive, e o *psicômetro* tem de perceber as qualidades duma alma, em virtude do que ela tivesse deixado nalgumas linhas escritas ou num objecto de seu uso,.... o fenómeno assombra-nos e é então quando se ergue com o nome de *psicometria*. Aludo ao costume de reservar esta palavra para exprimir a averiguação do carácter ou vicissitudes de uma pessoa, em virtude de tactura do vidente sobre objectos de uso habitual daquela.

Claro, que o fenómeno constitue, então, espécie própria, pois a metagnose não é entre circunstâncias, nem há visão da aura, ou faltam actuais vibrações do cérebro, no caso da pessoa ter falecido. A metagnose é, então, aquilo a que chamam *adivinhação*, subtil e desconhecida inferência de impregnações, ignoramos quais, no objecto a que a pessoa transmitiu o influxo, não sabemos como, enquanto foi de seu uso ou lhe foi familiar... Mas, em substância, é o mesmo facto de conhecimento, por via não sensorial, nem normal.

16. — Vejamos um caso psicométrico dos mais notáveis. Ocorreu em 1935, e foi publicado no número de Abril de 1936 do Boletim do «Colégio Britânico de Ciências Psíquicas» ⁽¹⁾.

Em Londres, o director duma casa comercial, homem de boa constituição física, sofreu um dia, pela primeira vez na vida, de um fortíssimo ataque de dores de estômago. Foi tratado em sanatório; diagnosticaram-lhe intoxicação alcoólica; foi tratado, primeiro com morfina, depois com alcalinos e, a seguir, com abstenção de licores. A cura foi breve. O exame radiográfico do estômago acusou integridade perfeita.

Durante dois anos, sobrevieram ataques de seis em seis meses, sempre de igual carácter e fácil cura. E o médico exortou o paciente a abandonar inteiramente o álcool, visto que deixara de o beber, quatro ou cinco vezes, por muitos dias. E a este respondeu: — «Não tenho o vício dos licores: uso-os, como remédio. Souro duma doença igual à que meu pai tinha, na sua velhice. E o caso é que, impensadamente, sem causa, nem motivo, *não sou capaz de assinar* nem um cheque de uma libra, porque me encho de suores frios e fico exânime de terror. Notei, então, que, bebendo licores, domino, às vezes, a minha incapacidade. Eis, porque os uso e, por isso, me é fácil abandoná-los nas convalescenças, porque, nessas ocasiões, nada tenho que assinar».

O médico julgou que se tratava duma tara psíquica de médio hereditário, que o álcool vencia, mas à custa de graves transtornos. Formou o conceito de que a tara seria dominável por auto sugestão e aconselhou o paciente a que, todos os dias, ao adormecer, pensasse e repetisse, mentalmente: «Amanhã poderei assinar». O paciente verificou alguns efeitos nesta prática; e o médico ideou investigar, psicometricamente,

a etiologia da tara. Assim o propôs ao doente, o qual lhe facilitou um documento de família, um pergaminho que concedia a um ascendente e confirmava a outro, no século dezóito, o livre domicílio em Londres.

A psicômetro, tacteando e manejando o documento, deu este informe:

— «É caso de medo, transmitido por gerações: medo colectivo de raça perseguida, medo familiar que teve origem numa causa dumas cartas assinadas.

«A família era judia e da maior nobreza, pelos cargos dos seus varões, como chefes de hebreus. Estabelecida em Veneza no século treze, foi perseguida e fugiu para Espanha no século quinze, onde usou o apelido Dávila e se difundiu por várias comarcas do país. Ai por 1480, um rapaz do ramo, estabelecido próximo de Barcelona, casou com uma cristã espanhola de família nobre, cujo pai impôs ao rapaz a abjuração da sua fé. Este assim fez; mas, depois de ter sido amaldiçoado pelo pai, começou a sofrer torturas, por traições feitas à sua raça.

«Numa visita a seu pai enfermo, resolveu abraçar a sua fé, pelo que sua mulher abandonou o lar conjugal, voltando para a casa dos pais, depois de escrever ao marido a suplicar que anulasse o que fizera, ou ela morria de pena por não o receber nos seus braços. Ele recusou. Ela, porém, insistiu em novas cartas, que caíram nas mãos da Inquisição. Descobriram-se, então, todos os Dávilas e soube-se que eram chefes de hebreus em diferentes partes de Espanha.

«Todos os Dávilas foram processados e confiscados os seus bens; e até alguns cristãos, como o bispo de Segóvia, que era tio em segundo grau do rapaz, sofreram as fúrias da perseguição. O pai do rapaz morreu na prisão, evitando assim, o suplicio. E um irmão e uma irmã foram queimados. Ele sofreu o tormento na presença da própria esposa, julgando assim o Santo Ofício conseguir vê-lo abjurar da sua fé. Bem ao contrário sucedeu, porque, no tormento, viu claramente que ela, com as suas cartas, o perdera a ele, bem como à família dele. Por isso, as suas últimas palavras foram de ódio indescritível a sua mulher.

«Ela enlouqueceu. Durante a demência, deu à luz uma criança. Sarou lentamente e viveu na casa paterna. Mas chegaram notícias de que a acusavam de seguir a religião do marido, razão por que seu pai a mandou para Inglaterra, onde tinha pessoas amigas. Em Espanha, propalou-se que a filha tinha falecido; e ela, em Londres, adoptou para o filho o apelido de J. Sucedia isto em 1490, sendo Torquemada Inquisidor Geral em Espanha.

«O carácter da mãe tornou-se neurasténico. Aborreceu o escrever e nem uma linha escreveu, fôsse para quem fôsse. Proibia o filho de aprender a escrever e provocava cenas de desespero, quando o encontrava a escrever... E a criança chegou a homem afectado de melancolia, embora com boa disposição para os negócios, pelo que o seu avô o estabeleceu no comércio londrino, com a condição de manter secreta a sua origem, porque a perseguição continuava em Espanha. E, por fim, o avô teve que cortar todas as relações com o seu neto João.

«Faleceu a mãe, tinha João vinte anos. E João tornou-se um activo e próspero comerciante, mas sempre

⁽¹⁾ «El Kardeciano», do *l'errol*, deu-o a conhecer em Espanha, nos seus números de Maio e Junho do mesmo ano de 1936.

influído por grande timidez, confirmada pelo conhecimento da história de sua família. Às vezes, não podia assinar; e na velhice tinha a mania de estar arruinado, embora fôsse muito rico. Ambos os fenômenos se repetiram em vários descendentes. E o caso em questão, é uma das repetições do primeiro fenômeno».

A mesma psicômetra, dias depois, manejando uma carta do paciente, deu este segundo informe:

«— Quem escreveu esta carta, tem tendência para os negócios e tara de timidez, ambas as coisas herdadas. A incapacidade eventual de assinar dormia nele e despertou ao saber que seu pai também não podia assinar, às vezes. Mas essa tara pode ser dominada, inteirando-o do facto e exercitando-o diariamente, ao deitar, na sugestão de que poderá assinar no dia seguinte. Devem persuadir-lhe um grande afecto ao pergaminho examinado, para adquirir sentimentos de valor, a-fim-de poderem lutar com a sua timidez. No pergaminho permaneceram vibrações desses sentimentos e memórias, especialmente do seu primeiro possuidor (1731), que conhecia a história da família na Espanha e na Itália».

Todavia, psicometrando, novamente, o pergaminho, deu terceiro informe. E disse:

«— Há uma causa secundária, no defeito psíquico de J. A tara hereditária, a partir do filho da espanhola, pôde ir intensificando-se durante dois longos séculos, quando um descendente veio a casar com uma senhora *Pushe*, cujo progenitor, nos seus tempos de rapaz, provocara a queda ao rio dum adversário com quem se envolvera em desordem, o qual se afogou. Por este facto, o pai da senhora *Pushe* tinha-se apaixonado muito, a ponto de não poder assinar com o seu verdadeiro apelido, que mudou para *Pushe*. A filha não apresentou o defeito físico, o qual, nos filhos de J., com quem casou, veio reforçar a timidez e o horror eventual das assinaturas. Sem esta causa secundária, talvez o defeito já tivesse desaparecido no doente».

17.— O que se pôde comprovar com documentos, àcerca destas informações, foi que, dos antecessores do doente, um obteve, em 1731, e outro, em 1762, o direito de vizinhos livres de Londres; que um filho do de 1762, chamado Roberto, foi residir para outra cidade; que um filho de Roberto casou com uma menina *Pushe*; e que deste matrimónio precedem, até hoje, dois ramos com vinte e seis descendentes conhecidos, dezassete dos quais tiveram ou têm o tipo físico hebreu, quatro sofreram de dispnêa, dois foram suicidas e três atacados de incapacidade de assinar.

A história do pai da *Pushe* está averiguada como exacta; mas não pode tomar-se como prova da vidência, porque já era do conhecimento do médico e da psicômetra. Esta, pelo contrário, ignorava a mania de estar arruinado, que afirmou em vários ascendentes e se comprovou em dois deles, filho e neto do casado com a *Pushe*.

Quanto à ascendência de 1731, a vidência não pôde comprovar-se de maneira positiva. É certo que depois da tomada de Constantinopla por venesianos e franceses em 1204, houve muitos judeus em Venesa, que residiram ali sempre com pouca permanência (expulsos em 1394 e readmitidos no ano seguinte por necessidades bancárias da cidade, excluídos de certas profissões em 1423, etc.).

Também é certo que em Espanha, em 1391, muitas famílias judias se converteram aparentemente, por

com a sua fé; que em 1478 D. Isabel I solicitou bula do Papa Xisto IV para estabelecer a Inquisição em causa da perseguição, mas continuando em segredo Castela, especialmente contra judeus e judaizantes; que ficou estabelecida em 2 de Janeiro de 1481, começando os suplicios em 6 de Fevereiro, com a queima de seis pessoas em Sevilha; que em 17 de Outubro de 1483 foi nomeado Inquisitor Geral Frei Tomaz de Torquemada, que desempenhou o cargo durante 15 anos (até que morreu, em 1498), tendo feito queimar 2.200 pessoas e processar 17.000; que em 1487, com causa nos motins de Teruel, Valência e Barcelona, contra a Inquisição, Torquemada mandou nomear Afonso de Espina Inquisidor em Barcelona, o qual tomou posse do cargo em 25 de Janeiro seguinte (1488); que em 1500 continuava a cruel perseguição sob o signo de Frei Diego de Deza; e que a-final os perseguidos não foram só judeus de raça, mas também cristãos casados ou aparentados com judeus, cujos bens se confiscavam igualmente.

Mas entre os apelidos de vítimas não consta averiguado o Dávila. Constan, sim, casos de famílias inteiramente análogos ao descrito pela psicômetra.

Bastará o comprovado, para que a vidência nos assombre. De resto, o tratamento do paciente foi puramente psicológico, depois das informações e, nos meses transcorridos até o relato, a incapacidade de assinar não se apresentou novamente.

«Sou outro homem» — escrevia o interessado.

A PAIXÃO DA CONQUISTA

A paixão da conquista assume aspectos diferentes, segundo os homens e o meio. É ela que inspira tôdas as grandes aventuras. Levou Pasteur à renovação da medicina, Mussolini à construção duma grande nação, Einstein à criação dum universo. Arrasta os bandidos modernos ao roubo, ao assassinio, à exploração económica e financeira da sociedade. Edifica os hospitais, os laboratórios, as universidades, as igrejas. Impele o homem para a riqueza ou para a morte, para o heroísmo ou para o crime. Mas nunca lhe dá a felicidade.

(*Aléxis Carrel* — «O Homem, êsse Desconhecido»)

O ESPIRITISMO

«O Espiritismo não considera principio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apóio das suas próprias descobertas, êle assimilará sempre tôdas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia. Sem isso, êle suicidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, não será nunca ultrapassado, porque, se novas descobertas demonstrarem que está em erro num determinado ponto, êle modificar-se-á nesse ponto; se uma nova descoberta se fizer, êle aceitará-a.»

ALLAN KARDEC

Balzac e os fenómenos supra-normais

pelo Coronel Faure da Rosa

I

Balzac, na juventude, durante três ou quatro anos, exerceu diversas profissões: escrevente no cartório dum advogado, depois editor e estudante. Presume Stefan Zweig que teria sido durante estes curtos anos que colheu toda a sua ciência, toda a quantidade inexplicável e inconcebível de factos que o levou ao conhecimento de todos os caracteres e fenómenos ⁽¹⁾.

Para Balzac, a missão mais alta do artista era registar a marca do orgânico no inorgânico e as influências da matéria no espírito.

«Porque não escrevem a tragédia da estupidez?» — dizia Balzac. «A da vergonha, a da timidez, a do aborrecimento?»

Amou a química, estudou as obras de Cuvier e de Lavoisier. Apaixonado pela doutrina de Gall e de Lavater, cada rosto era, para ele, uma charada a decifrar. Pretendia reconhecer no rosto de cada indivíduo uma fisionomia de animal; julgava poder distinguir, por sinais secretos, as pessoas votadas à morte; vangloriava-se de poder dizer a profissão de qualquer pessoa que passasse na rua, segundo o seu rosto, a sua marcha, o seu traje.

A sua maior ambição era parecer-se com os homens de forças concentradas que podem não somente descobrir as coisas momentâneas, mas ainda penetrar o passado e o futuro. Queria irmanar-se aos quiromantes, aos adivinhos, aos fabricantes de horóscopos, aos videntes, enfim, a todos aqueles que, dotados do olhar penetrante da segunda vista, pretendem reconhecer as coisas interiores e o ilimitado, a todos aqueles que, olhando as linhas da mão, podem desenrolar o caminho da vida passada e predizer o futuro.

Semelhante olhar mágico — dizia Balzac — não é dado senão àquele que não dispersou a sua inteligência em mil direcções, mas que a economizou em si próprio para a dirigir num sentido único.

O próprio Balzac não conseguia compreender a sua clarividência intuitiva. Quando começou a escrever, o conhecimento da vida estava já reunindo em si, de forma misteriosa...

Stefan Zweig considera o maior enigma da história universal saber como, quando e donde veio ao espírito de Balzac toda essa extraordinária provisão de conhecimentos respeitantes a todas as profissões, a todas as matérias, a todos os temperamentos e a todos

os fenómenos. Balzac conheceu tudo: os processos, as batalhas, as manobras da Bôlsa, as especulações imobiliárias, os segredos da química, as combinações dos perfumistas, os artificios dos artistas, as discussões dos teólogos, a vida dos jornalistas, os bastidores do teatro, e o teatro da política. Conheceu a província e o mundo... Possuía uma sabedoria verdadeiramente enciclopédica...

Foi dos seus sonhos que ele fez surgir os *fjords* da Noruega, os baluartes de Saragoça — sem nunca os ter visto — e, contudo, eram semelhantes à realidade.

Enigma e mistério, decifra-os facilmente a doutrina das vidas sucessivas, única que pode explicar tão variada profusão de conhecimentos, certamente adquiridos em vidas anteriores. Balzac foi um dos melhores exemplares do reencarnacionismo, dispondo dum poder excepcional de objectivação.

Conta-se que, na mocidade, Balzac, na sua mansarda, comia pão seco — a sua miserável e habitual refeição — diante de contornos de pratos por ele desenhados a giz na mesa de trabalho, onde previamente inscrevera os nomes dos mais finos manjares, a-fim-de sentir no pão seco, por auto-sugestão, o gosto das iguarias mais caras. E assim como julgava sentir o gosto desses manjares, assim sentia verdadeiramente, assim saboreava desmesuradamente todos os encantos da vida nos elixires dos seus livros. Iludia a própria pobreza com a riqueza e o fausto das suas personagens.

Balzac acreditava na doutrina de Mesmer, na transmissão magnética da vontade de um médium para outro; acreditava que os dedos eram redes de fogo irradiando vontade e ligava esta concepção às espiritualizações de Swedenborg.

É no seu livro «Os abutres de Nemours» que Balzac vive, nas suas personagens, os factos supranormais ali desenvolvidos.

Primeiramente, porém, para a boa compreensão desses factos, convém dizer em que consiste a doutrina de Mesmer e a de Swedenborg.

MESMER ⁽²⁾

Médico alemão, considerado o fundador da teoria do magnetismo animal que ficou conhecida sob o nome

de *mesmerismo*. Atribuíram-se ao *mesmerismo* curas maravilhosas operadas em Paris (1779-1785).

Mas antes de Mesmer e, depois, simultaneamente, outros, em outros países, tinham realizado e realizavam curas, também tidas como maravilhosas.

Em Inglaterra, o irlandês Valentim Greatrakes (1628-1700), descobriu em si — pela revelação duma voz interior, dizia ele — a propriedade de curar toda a espécie de doenças para o que lhe bastava a simples aposição das mãos ou dar fricções. Greatrakes agia como se uma espécie de virtude emanasse dele.

Diz uma testemunha ocular de então: «Com a aposição das mãos, ele afugenta a dor e expulsa-a pelas extremidades. Algumas vezes o efeito é muito rápido: vi doentes curarem-se como que por encanto. Se a dor não cedia logo, repetia as fricções e ia-a deslocando, conduzindo até às extremidades, por onde a fazia sair. Posso afirmar, como testemunha ocular, que Greatrakes curou vertigens, epilepsias, úlceras inveteradas, tumores cancerosos no seio, alguns dos quais existiam há muitos anos. Muitas vezes acontecia ser a cura excessivamente lenta, e doenças havia que resistiam a todos os cuidados, fôsse por estarem demasiado adiantadas, fôsse por a rebeldia devesse atribuir-se à compleição do doente. Parecia que do corpo de Greatrakes saía uma emanção balsâmica e salutar».

Greatrakes não acreditava que a faculdade lhe adviesse de dom sobrenatural, nem atribuía as curas a milagres ou a qualquer influência divina.

Três quartos de século mais tarde, um ex-jesuíta, Gassner, na Suíça, também fazia curas que os seus numerosos partidários qualificavam de miraculosas. Gassner curava por meio de exorcismos. O que, sobretudo, lhe importava, era averiguar se o doente sofria de doença natural ou diabólica.

Para isso, ordenava a Satanás, com três interpelações e três sinais da cruz, que se manifestasse. Se o diabo não respondia, Gassner concluía que a doença era natural e tratável com remédios ordinários. Mas se o doente tinha convulsões, a presença do diabo era indubitável, conforme o critério de Gassner que, imediatamente, tratava de o expulsar do corpo do possessor por meio de palavras sagradas ou pelo contacto de objectos religiosos.

Uma recaída significava que ou o doente tinha pecado ou perdera a confiança.

Um outro curador célebre — a quem chamavam «Doutor da lua» porque aliviava as doenças por influência deste astro — operava em Berlim, por volta de 1780. Era um fabricante de meias de lã chamado Weisleder. Curava toda a espécie de males ostensíveis, como fracturas — expondo-os aos raios da lua e murando preces. A sua clientela era tão numerosa que durante os três dias da lua nova em cada mês — os

seus prodígios tinham esta limitação de tempo — recebia cerca de mil pessoas desde as quatro horas da tarde até à meia noite.

Weisleder não aceitava dinheiro, mas em compensação, a mulher dele que, especialmente, curava as damas, essa não o recusava; e, por fim, até para entrar em casa do doutor se tornou indispensável ser acompanhado dum bilhete que contivesse um mínimo estabelecido de dinheiro.

Em Viena de Áustria (1774), cabia a um jesuíta praticante — o P.^o Hell, professor de astronomia — fazer curas reputadas maravilhosas.

Este jesuíta operava por intermédio de varões de metal magnetizado, cujas virtudes medicinais já séculos antes, Paracelso, indicava o seu emprêgo como remédio para a dor de dentes. Também o P.^o Kircher verificava a utilidade dos varões de metal magnetizado para acalmar convulsões, curar dores e doenças nervosas.

Dizia-se que o jesuíta vienense fizera mais e melhor: que curara uma dama duma doença crónica do coração e que ele próprio se desembaraçara dum ataque de reumatismo agudo.

Mesmer, na opinião de Gerin-Ricard (3) foi o verdadeiro criador do magnetismo moderno. Estreou-se com uma tese acerca da influência das plantas. «Os corpos celestes — escrevia Mesmer — exercem influência sobre os corpos animados, em virtude da sua força, e, por consequência, no sistema nervoso».

Como ainda não eram conhecidas as leis de Galileu e de Newton sobre a atracção, a teoria de Mesmer foi considerada abstracta. Mesmer procurou, então, outra coisa mais ao alcance da inteligência popular.

Depois de ter visto operar o P.^o Hell — o jesuíta vienense, professor de astronomia — abriu uma casa de saúde em Viena. A teoria do seu tratamento fundava-se na existência dum magnetismo diferente do do iman e independente da electricidade, a que deu o nome de gravitação ou magnétismo animal.

Mas os sábios de Viena, estorvados na sua quietude, protestaram contra a nova doutrina que ia perturbar a ciência adquirida. Para fugir à tempestade, foi viajar. Na Suíça interessou-se pelas curas de Gassner que ele explicava pela sua teoria do magnetismo animal.

Depois de regressar, para experimentar o seu poder magnético, tratou uma rapariga de 18 anos de idade, cega desde os 4. Por toda a parte propalou que restituíra a vista à cega. Ninguém o acreditou. Interveio a autoridade que lhe deu ordem para «acabar com a charlatanice».

Desgostoso, foi fixar residência em Paris onde quis provar as suas teorias. Estava então sendo tratada duma doença do fígado e de gôta serena, pelo médico

Storck e pelo ocultista Wenrel, uma rapariga de 17 anos, sem resultado satisfatório. Mesmer substituiu os dois. E só ele, com dois ajudantes, depois de 3 meses de tratamento, não só a curou do fígado, mas também — o que era mais fácil de verificar — fizera-a recuperar a vista.

Esta cura transformou em discípulos um certo número de detractores, entre outros, o médico Deslon. Estas primeiras conversões produziram outras. Apesar da atitude da Academia das Ciências, a sua reputação subiu tanto que a Corte julgando de utilidade pública propagar uma ciência tão bemfazeja, mandou-lhe oferecer a pensão vitalícia de trinta mil francos por ano. Julgando esta quantia insuficiente, deixou a França e levou consigo alguns doentes para as águas de Spa.

Entretanto, o discípulo Deslon traía-o. Conhecedor do segredo de Mesmer, Deslon tratava por dinheiro. Mesmer encolerizou-se e só se acalmou quando um dos doentes, M. de Bergane, teve a ideia de se associar com um certo número de admiradores ricos para ajudar o mestre, o qual, por seu lado, se comprometia a revelar a sua doutrina e o seu método.

Foi então que Mesmer instalou o seu consultório num magnífico palacete da praça Vendôme.

Inventou, nessa ocasião, a sua famosa *celha* de madeira de carvalho, de um pé ou pé e meio de altura, que colocava no meio duma grande sala. A celha continha água e diversos objectos, tais como: vidro em pó, limalha, etc., ou ainda estes objectos sem água e sem que qualquer deles estivesse electrizado ou magnetizado. Dentro da celha havia, também, garrafas de água magnetizada, rolhadas, com o gargalho voltado para o centro e, ainda, uma segunda camada de garrafas, nas mesmas condições, mas com o gargalo voltado para a circunferência. O vidro e a limalha serviam, apenas, de corpos condutores. Da tampa, perfurada em vários sítios, saíam umas varas de ferro móveis, dobradas em cotovêlo.

A um canto da sala havia um piano ou uma harmónica, onde tocavam diferentes músicas, sobretudo no fim das sessões. Algumas vezes à música juntavam canto. As portas e as janelas estavam bem fechadas: os cortinados não permitiam que entrasse no aposento senão uma luz doce e fraca.

Os consulentes, em silêncio, formavam em filas em volta da celha. Cada um deles, dos da primeira fila, agarrava uma das varas de ferro que, por virtude da mobilidade e do cotovêlo podia ser aplicada à parte doente. Para facilitar a transmissão do fluido curador, uma corda, que partia da celha, passava em volta do corpo do paciente e reunia-o ao vizinho, formando, assim, uma cadeia. Uma segunda cadeia podia formar-

-se pelo contacto das mãos; isto é, aplicando o polegar entre o polegar e o index do vizinho.

Em redor dos doentes circulavam os ajudantes de Mesmer e, por vezes, o próprio curador, de casaca de seda lilaz.

Curador e ajudantes empunhavam umas varinhas de vidro ou de ferro embotado, com as quais tocavam os doentes e, assim, aumentavam a força magnética.

Em nome da comissão da Sociedade Real de Medicina, constituída por Jussieu, Franklin, Lavoisier, Guillotin e Bailly, encarregada de verificar as experiências de Mesmer, escreveu este último num dos seus relatórios (1).

«Os doentes oferecem um quadro muito variado: alguns mostram-se calmos, nada os perturba; outros tosse, escarram, sentem uma dor ligeira acompanhada dum calor local ou geral e de suores; outros estão agitados e atormentados por convulsões. Estas convulsões — que são espantosas tanto pela quantidade como pela força e duração, a qual, por vezes, excede três horas — têm as seguintes características: movimentos precipitados de todos os membros e até do corpo inteiro, contracção da garganta, sobressaltos dos hipocôndrios e do epigastro, olhar esgazeado, gritos agudos, soluços e risos imoderados. São precedidas ou seguidas dum estado de languidez e devaneio, uma espécie de abatimento e, até, de adormecimento. O menor ruído causa-lhes estremecimentos e notou-se que a mudança de tom e de compasso das músicas tocadas no piano influíam nos doentes de tal maneira que um movimento musical mais vivo aumentava-lhes a agitação e renovava a vivacidade das convulsões».

Quando as crises se tornavam excessivamente agudas, Mesmer mandava transportar o doente para um quarto especial, conhecido pelo nome de «o inferno das convulsões» cujas paredes e pavimento acolchoados, permitiam que os nervos se distendessem sem perigo.

De resto, o próprio Mesmer socorria os doentes mais graves e, quer por toques com a varinha, quer pela influência do seu olhar e da sua voz, conseguia, pouco a pouco, acalmá-los.

Seja como for — diz Th. de Cauzons — apesar de muitos desaires, Mesmer teve numerosos bons êxitos e fez uma carreira triunfal.

(1) LA MAGIE ET LA SORCELLERIE EN FRANCE, por Th. de Cauzons.

(2) STEFAN ZWEIG: «Os três construtores do mundo».

(3) «Histoire de l'Ocultisme» — L. de Gérin-Ricard.

(4) As experiências da comissão foram numerosas e tão sérias quanto possível, mas parece que o relatório só se referiu às que tiveram mau êxito.

Notas & Comentários

Amor à Causa

«O Clarim», de Matão, Estado de S. Paulo, anunciou em 14 de Outubro importante donativo ao «Programa-Radiofónico — Espirita-Evangélico do Brasil», organizado e dirigido pela União Federativa Paulista, acrescentando que o generoso bemfeitor não quis revelar o nome, em virtude dum princípio cristão que lhe serviu de guia no acto filantrópico.

Graças aos cem contos agora oferecidos, os irmãos de S. Paulo vêem o futuro desanuviado e risinho. Prova-se, mais uma vez, que as causas não fenecem, quando as anima um sentimento nobre de bem-fazer. E se nem só o pão do estômago alimenta o homem, na sua caminhada terrena, há que esperar farta colheita espiritual do óbulo magnânimo acima citado.

Aqui está como Deus escreve direito por linhas tortas. Quando os obstáculos parecem insuperáveis, eis que o auxílio aparece, vindo não se sabe donde, revestido de imprevista e desconcertante espontaneidade.

É bom que os Mecenases venham, de quando em quando, estimular aqueles que não descansam um só momento na divulgação da Doutrina, perdendo noites, gastando energias, embalados na doce esperança de ver aumentar o número dos adeptos, e, conseqüentemente, diminuir a falange materialista, que tudo pretende avassalar e destruir.

Há tempos, também a Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, a que nos referimos noutro lugar, recebeu 10 contos de anônimo endinheirado, que não revelou, igualmente, o nome. O caso deu-se, precisamente na altura em que a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio maior ataque vibrava ao Espiritismo.

Assim foi, assim é e assim será sempre, porque esta Doutrina não pode morrer, quanto mais ficar à mercê de energúmenos que a combatem sem razão e sem base.

«Agora, começo a acreditar...»

Há factos que desafiam todos os comentários, tal a eloquência que os reveste, na sua simplicidade.

Assim o demonstra Edmundo Barker, no número de Janeiro último de *L'Astrosophie*, narrando alguns incidentes curiosíssimos, que valem por autênticas demonstrações.

Há coisa de umas semanas — escreve — voltava ele duma cidade onde fôra realizar conferências. O comboio parou em estação de aldeia e na sua carruagem entraram três pessoas, que ele identificou cuidadosamente: um homem, uma mulher e uma criança de quatro ou cinco anos. Pouco depois, o escritor adormecia ligeiramente, só despertando, quando o jornal que levava caiu no chão. Ergueu os olhos e viu, sentados na sua frente, os dois adultos que haviam entrado antes.

— Que é feito do seu filho, minha senhora? — inquiriu, involuntariamente.

— Eu, agora, não tenho nenhum filho — respondeu, tristemente, a interpelada.

Ao que Barker replicou:

— Mas eu vi-o há pouco, com os meus próprios olhos.

— Eu também o vejo muitas vezes — disse a mulher —, mas não hoje.

O marido interveio, um tanto irritado:

— Ela acredita em Espiritismo e incomoda-me com isso. O senhor viu o meu filho? Então, faça favor de lhe descrever as feições.

Barker descreveu as feições do garoto que acompanhava o casal, no momento em que entraram na carruagem. Até que aquele pai, tocado fortemente pelos pormenores do escritor, exclamou, admirado:

— E eu sempre a julgar que ela sonhava! Mas, agora, que o senhor também o viu, o senhor, que é um estranho ao assunto, agora, começo a acreditar...

Magister dixit...

O jornal *República* insere curiosa secção, intitulada: «Quere saber? Pois, pergunte à vontade». E há leitores que perguntam à vontade, na esperança de que os enciclopedistas encontrem resolução para todos os problemas e os informem de todos os eventos, passados, presentes e futuros.

E assim foi que o sr. José Rosário, de Alcoutim, perguntou ao *República*:

1.º — Qual a razão científica do sonho?

2.º — Qual a razão científica do Espiritismo?

3.º — Podem indicar-me o preço e o nome dos livros que tratam deste assunto?

E o cronista alegre do *República*, no seu tom enciclopedista, abotoou o casaco, ajeitou o monóculo, franziu a testa e começou a dissertar acerca das transcendentes questões apresentadas, humildemente, pelo estudioso sr. José Rosário, de Alcoutim.

À primeira pergunta, respondeu: «no livro de Freud, *Science des Rêves*, encontrará alguns dados e conceitos curiosos sobre a significação dos sonhos».

E, depois, acrescentou:

«O sonho, segundo as modernas opiniões (que opiniões?), é o «filme negativo» das imagens que feriram a nossa retina e mais impressionaram durante o dia». «Junte a isto hipersensibilidade com origem no depauperamento físico e terá 50 % das causas do sonho. Os outros 50 % ainda estão por conhecer...».

Para razão científica do sonho, temos de convir que é pouco, muito pouco, mesmo, quasi nada. Mais valia que dissesse ao consultante:

— Bata a outra porta, meu senhor, que ovelhas não são para matos.

À segunda pergunta, o cronista foi mais concreto:

«O Espiritismo é uma religião. Como tal, não tem base científica discutível, — principalmente neste local».

Chama-se a isto «despachar o frequês», ou «dizer que sim, para que me deixem».

Então, se o Espiritismo não tem base científica discutível, para que acrescenta: «principalmente neste local», dando a entender que, se não na tem ali, tem-na noutra parte? O remorso é belo reagente, embora não consiga eliminar, inteiramente, os defeitos do «magister dixit»...

Passando à terceira pergunta, escreve:

«Não conhecemos nenhum livro que trate, de modo definitivo, das razões científicas do Espiritismo. Encontrará, sobre essa religião, dezenas e dezenas de opúsculos em qualquer parte do país. Quanto à Ciência des Réves», encontra este livro na Livraria Portuguesa, Rua do Carmo, 75».

Há ou não há capciosismo nestas palavras? Ora, a verdade, é que a confissão de ignorância não fica mal a ninguém. Assim, o cronista, em vez de induzir em erro quem de boa-fé o consultou, fiado em erudição que não havia, na tal secção do *República*, devia declarar-se impotente para responder a tais perguntas. Lá que ele (o cronista) desconheça os livros que tratam das bases científicas do Espiritismo, acreditamos piamente. O que não acreditamos é que Argus tão erudito desconheça onde eles se vendem. E, se não sabia, indagasse, que para outra coisa não está à frente de tão pomposa secção.

Descanse, porém, o infeliz consulente de Alcouzim. Onde não chegou o Mestre do *República*, chegará o modesto catálogo, que *Estudos Psíquicos* vai remeter-lhe, imediatamente, e onde poderá escolher algumas obras que lhe interessem, desde os tais opúsculos, aos calhamaços de quatrocentos a seiscentas páginas...

E assim ficarão respondidas as suas duas últimas perguntas, com as nossas desculpas por haver metido foice em seara alheia.

2.º Congresso Espirita Português

É preciso agitar a ideia do 2.º Congresso Espirita Português. O 1.º realizou-se há cerca de quinze anos. Desde 1925, muitos acontecimentos eclodiram. A opinião pública modificou-se em face do Espiritismo. Os métodos de propaganda apresentam facetas poliformes. Emfim, o número dos adeptos aumentou extraordinariamente.

Por esse Portugal fóra, há muitas almas sequiosas das verdades reveladas. O que é preciso é trazê-las ao redil da Doutrina.

A notícia aqui publicada a respeito do Congresso animou alguns confrades que julgavam impossível a verdadeira confraternização, embora partidários dum melhor conhecimento mútuo, com o qual lucrarão os irmãos em crença.

Estejam, porém, descansados. Nós continuaremos a agitar a questão e a seu tempo publicaremos correspondência bem interessante, que nos chegou às mãos, de perto e de longas terras.

Ao marasmo dos últimos anos, vai seguir-se uma época de renovação espiritual. Não importa o lugar donde parta o impulso. O que é necessário é que ele se exerça proficuamente e agite a mentalidade espirita portuguesa.

Os primeiros sintomas são prometedores. Há fé e há vontade. Todos esperam que os novos tempos tragam novos costumes.

Bibliografia

A DEUSA SÍRIA, por Luciano. — Tradução e notas de Lobo Vilela. — Editorial «Inquérito», L.^{da}.

Neste Caderno de 73 páginas, confiado ao costumado esmêro que Lobo Vilela usa em todos os seus trabalhos literários e científicos, dá-se conta das crenças e práticas religiosas dominantes no século II da nossa era, — «as crenças mais estranhas, as mais ridículas práticas supersticiosas e os milagres mais absurdos...».

O ensaio sobre o Luto ocupa as últimas 13 páginas do opúsculo. O parágrafo 1.º abre com este período que ainda hoje tem inteiro cabimento: «Vale certamente a pena observar o que faz e o que diz a maior parte das pessoas nas cerimónias fúnebres, as palavras que lhes dizem para as consolarem e as lamentações a que se entregam porque imaginam sofrer uma desgraça intolerável para eles e para aqueles por quem choram.»

A oratória enfática e choramingas de então tem semelhança com a que ainda hoje adoptam os oradores funéreos no enaltecimento de qualidades do defunto... que, em regra, só à beira da sepultura reconhecem.

E como o morto não ouve, concluíam-se, então, como hoje se conclui, que é para os assistentes que tais oradores declamam, sem saberem o que acontece ao desaparecido, «nem para onde ele foi, sem terem examinado o que é a vida em si mesma. De outro modo não se afligiriam com a passagem da vida à morte, considerando-a uma terrível desgraça.»

Então, como hoje, «pronunciam-se orações fúnebres sobre os túmulos, como se falassem para o morto e dessem testemunho a seu favor perante os juizes do inferno.»

Então, como hoje, a necessidade de se alimentarem envergonhava-os, mas o imperativo premente da conservação acabava, como acaba sempre, por triunfar.

O que Luciano nos não diz, é que então houvesse, como hoje há, a exploração industrial da morte: o luzido cortejo fúnebre com senhores de preto, muito maçados, em «última homenagem, a acompanharem o morto à «última morada»; a indumentária toda preta dos parentes; o papel de cartas, sobrescritos e cartões tarjados de preto; o lenço de barra preta...

F. R.

A experiência do passado firmará os alicerces da nova obra a realizar.

A Doutrina tem grandes cultores que tudo farão para que o Espiritismo triunfe do assédio materialista. Para isso, é preciso união.

Os espiritas devem confraternizar, devem trocar impressões acerca do Ideal.

Não devem passar uns pelos outros, como pessoas indiferentes. Assim disse o nosso Secretário Geral, na inauguração do Centro E. Luz e Amor. Devem conhecer-se, devem estimar-se. E nada melhor do que um congresso para conseguir esse objectivo. Preparemos o 2.º Congresso Espirita Português com o mesmo carinho com que o nosso Centro organizou o primeiro.

Colaboração dos leitores

O sofrimento e a evolução

por *Eduardo da Silva Tavares*

Aberração das aberrações é aumentar por vontade própria os sofrimentos que se exercem na terra, visto que é da humana condição suportarmos as conseqüências amargas e dolorosas dos nossos extravios, das nossas infracções à lei moral, porque é inutilmente que o ser humano se proporciona maior sofrimento do que aquele que lhe corresponde na realidade, em relação aos seus delitos, por meio de cilícios e outros rigores, produto do fanatismo chamado religioso.

O ser humano não foi exclusivamente destinado ao sofrimento, mas ao gozo dos bens, materiais e espirituais, que lhe são proporcionados, dentro da harmonia e da moralidade. O sofrimento é temporal e corresponde às transgressões do indivíduo à lei moral. Assim, para completar o plano divino de evolução, basta o sofrimento determinado pela lei. O mesmo não sucede, quando, para acudir em auxílio de outrem, somos levados por amor fraternal a impormo-nos sacrifícios e privações e a expor a saúde e a vida em benefício da humanidade.

Essas privações e os sofrimentos, que delas e dos actos de abnegação derivam, são tidos em conta, por representarem sacrifícios em holocausto ao próximo. Assim o fizeram os grandes redentores do mundo, singularizando-se, entre todos, Jesus-Cristo, pela sua elevada hierarquia espiritual e divina.

O corpo humano é um templo sagrado, do qual devemos cuidar esmeradamente, dando-lhe tudo o que necessitar, para cumprimento da sua missão, como veículo da alma. Tudo, pois, que constitua flagelo para o corpo, sem que daí advinha benefício para o próximo, é infracção da lei divina, é manifestação de egoísmo disfarçado em fanatismo.

A lei divina, perfeita como a Divindade, tem sanções para essas faltas, aplicadas no mesmo plano e cujos executores somos nós próprios.

Nestes casos, tal flagelo voluntário, condenável e improficuo, significa apenas egoísmo espiritual.

Uma infracção à lei divina nunca pode produzir bem, mas o contrário, para o infractor.

Assim, não nos iludamos. A alma tem de sacrificar-se, encarnando sucessivas vezes, para que, passando pelo crisol do sofrimento, se limpe de todas as manchas, se purifique de todas as impurezas, se liberte de todos os defeitos, rompendo o jugo das baixas paixões.

Sejamos em tudo ponderados e reflectidos, porque os grandes entusiasmos, quando irreflectidos, são quasi sempre causa de decepção e ruína. Não nos deixemos levar pelo fanatismo, que os fanáticos não podem ser instrumentos de progresso e estão em opposição às leis divinas.

Tenhamos sempre presentes estas verdades e honremos o ideal que professamos, compreendendo-o e praticando-o, dentro da mais estrita moral e pureza.

Perseverança

por *António Xavier*

A divulgação da doutrina espirita necessita de ser efectivada com ardor e perseverança. Forçoso se torna, portanto, que, da parte dos homens que a isso se dedicam, haja aquela boa vontade que caracteriza os que se sacrificam por um ideal.

As contrariedades que a tal se antepõem são muitas e de vária espécie; todas, porém, devem ser por nós tomadas como incitamento, visto que só podem partir dos inimigos do progresso, dos inimigos da luz e da verdade. Porque é nosso dever mostrar a luz aos que vivem em trevas e no erro.

Se encontrarmos a resistência passiva da sua incredulidade sistemática, baseada na indolência dos que nada procuram aprender, devemos redobrar de energia e opor-lhes uma vontade de ferro, pois só assim poderemos vencer.

Nesta luta ingente, devemos recorrer a todos os meios ao nosso alcance, não excluindo os nossos amigos do Além, que muito nos poderão ajudar com o seu conselho.

Allan Kardec, o grande apóstolo do Espiritismo, encontrou nos amigos do Além um superior elemento de incitamento e são conselho, a bem da sua obra. Nas horas difíceis e amargas, jamais deixou de os ouvir e acatar. Assim, nós, que nos propomos fazer luz sobre as trevas que ainda envolvem grande parte da humanidade, devemos revestir-nos de todos os elementos que constituam força de querer, força de vontade e força de vencer. Para isso, bastar-nos-á a fé, a humildade e o amor.

Com estas armas, que se encontram entre as que o Cristo recomendou à humanidade, alguma coisa conseguiremos de bom para a causa sagrada do Espiritismo.

Mãos à obra, pois, O edificio a construir é grandioso. Milhares de operários e humildes serventes trabalham sob a direcção do Supremo Architecto.

Que cada um de nós, como puder ou souber, conduza para junto dos mestres pedreiros a sua pedra que, por tósca e pequena que seja, sempre terá a devida aplicação na construção da grande muralha do Espiritismo.

BOAS FESTAS

O Centro Espiritualista "Luz e Amor" e a revista "Estudos Psíquicos" desejam aos seus consócios e leitores, Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero.

Os factos, entre nós

No intuito de contribuir para a divulgação dos fenómenos supranormais, «Estudos Psíquicos» inicia, neste número, a publicação de casos devidamente autenticados e que merecem inteira confiança, pela idoneidade das pessoas que no-los comunicaram. Pedimos a todos os que tenham conhecimento de fenómenos semelhantes, o favor de nos fazerem o seu relato, com todos os elementos de apreciação.

Caso inesperado de fotografia espírita

Um colaborador desta revista, que deseja ser conhecido por Seravat, narrou-nos curioso fenómeno passado no Minho com pessoa de suas relações e cujo nome promete revelar, quando achar oportuno.

Trata-se duma senhora solteira, que se encontrava em Lanhelas, no gozo de férias. Durante a sua estadia naquela provincia nortenha, deu alguns passeios com várias pessoas amigas e conhecidas, no decurso dos quais tiraram várias fotografias. Foi num desses passeios que se passou o caso que passamos a expôr.



Fotografia tirada em Setembro de 1939
na povoação de Lanhelas — Minho

A senhora mencionada foi, com algumas companheiras, dar um passeio aos arredores de Lanhelas. Ao chegar a certo local, ameno e aprazível, resolveram tirar fotografias. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando, numa delas, encontraram duas imagens da mesma pessoa, em posições e planos diferentes? E o facto é tanto mais curioso, quanto é certo a imagem

estranha ser mais nítida e de maiores dimensões que a imagem natural, como se vê na gravura que atraz publicamos.

O nosso correspondente narra uma circunstância que, em sua opinião, deveria ter concorrido para a eclosão do fenómeno. É a seguinte:

Quando se preparavam para tirar a fotografia, a senhora em aprêço manifestou o desejo intenso de ficar sentada numa pedra que havia no local. Todavia, as companheiras preferiram ladear a referida pedra, simulando estar junto dum rochedo. Isto bastou para que ela ficasse mal disposta e irritada com a súbita contrariedade.

Quem conhecer a força do pensamento, verificará tratar-se dum fenómeno de bilocação, dentro do quadro das telepatias, o qual teve origem na contrariedade sofrida pelo *sujet*, no momento de tirar a fotografia. Como lhe era impossível deslocar o corpo somático para o local desejado, projectou o seu duplo flúidico (corpo etérico), acompanhado da força psíquica necessária para a impressão do negativo.

Só uma reacção muito intensa produziria semelhantes efeitos, abandonada, como está, a idea de fraude, em virtude da probidade das pessoas que intervieram no assunto, pois nenhuma delas tinha interesse em apresentar elementos de controvérsia, no caso de que nos ocupamos.

O facto de o *duplo* se apresentar noutro plano, não invalida a hipótese apresentada, pois muitos casos há em que o *duplo* assume proporções várias, em relação ao *sujet*.

Se bem analisarmos, notaremos, não só no rosto, como nas mãos do *duplo*, atitudes e aspectos diferentes do original, que se vê ao canto esquerdo da fotografia.

Este fenómeno é altamente interessante para o estudo da alma humana, que pode abandonar, momentaneamente, o corpo físico e manifestar-se como espírito, na plenitude das suas faculdades, segundo o seu plano de evolução.

Fenómeno de visão a distância

Do nosso confrade sr. Óscar Leitão, morador na Avenida da Liberdade, 73, 5.º Esq., Lisboa, recebemos o seguinte relato, acêrca da perda de um brinco de brilhantes, encontrado em circunstâncias singulares:

«No dia 4 de Novembro de 1939, pelas 17 horas, duas senhoras de minha família subiam a Avenida da Liberdade. Ao passar junto ao prédio que, em tempos, habitaram, e que tinha o número 53, notaram escritos, precisamente no andar em que haviam residido e resolveram visitar os aposentos onde passaram alguns anos da sua vida. O prédio tem, actualmente, outro número e nos andares inferiores há um consultório e creio que, também, escritórios.

«Ao regressar a casa, uma das senhoras deu pela falta de um brinco de brilhantes que, certamente, perdera. Ignorando se a perda se dera em casa, na rua ou

em qualquer estabelecimento comercial, deram-se ao trabalho de procurar em toda a casa, busca que durou até além da meia noite.

«A dona do brinco, desalentada pelo desgosto da perda, ficou sôzinha por algum tempo. Nisto, chama a família e diz-lhe que ouviu distintamente uma voz que a informava de que o brinco se encontrava *junto ao corrimão do segundo patamar do prédio n.º 54*, e pediu a uma das irmãs que o fôsse buscar. Esta, não acreditando muito na plausibilidade de achar o brinco, recusou-se, a princípio, a procurá-lo; vendo, porém, a aflição da irmã, saiu, declarando que iria percorrer toda a escada, ao que a outra respondeu que não era preciso. Que fôsse, apenas, ao segundo patamar e que procurasse junto ao corrimão, acrescentando:

«— Eu vejo o sítio, onde o brinco está.

«Cheia de cepticismo, saiu a irmã, começando por achar estranho o facto de encontrar aberta a porta do referido prédio, cerca da uma hora da madrugada.

«Subiu e encontrou o brinco, no lugar indicado, a-pesar-de se tratar de local de muita passagem, à hora em que a casa foi por elas visitada, cerca das 17 horas, sem que alguém o visse ou pisasse.

«Tratar-se-á de fenómeno de clariaudiência? Ouviu, efectivamente, esta senhora, qualquer voz, indicando-lhe onde estava o brinco? Ou teria sido intuição forte, a-ponto-de lhe parecer que ouvia a voz e que via, nitidamente, o local, onde o brinco se achava?

«Em qualquer dos casos, de quem seria a voz, ou quem lhe teria dado a intuição? Como é que àquela hora se encontrava aberta a porta da rua? Como se explica que, estando o brinco num sítio de passagem, ninguém o visse ou o pisasse?»

Na verdade, perguntas são estas a que a ciência materialista não pode responder. Uns, dirão que tudo foi obra do acaso. Outro poderão dizer que foi milagre, palavra que explica tanto como o acaso.

O nosso correspondente informa-nos de que estas senhoras, embora não autorizassem a publicação dos seus nomes, estão prontas a confirmar este relato, na presença de quem quer que seja. Basta que se dirijam ao signatário, na morada acima indicada.

Em todo o caso, podemos dizer que a senhora que viu e ouviu é filha do confrade sr. Gabriel de Sousa, desencarnado há cerca de oito meses.

O Verdadeiro sentido da vida

Nov 12 1939

por Manuel Tavares

As gerações sucedem-se, as civilizações apagam-se e o mundo, aparentemente calmo, continua a girar imperturbavelmente na sua órbita, enquanto na sua superfície se agita a vida em turbilhão, qual rápida nebulosa em via de se transformar num novo mundo.

Sob o pó dos séculos, engulidos pela Terra que as viu prósperas e lhes emprestou as suas galas para melhores destinos, jazem civilizações surpreendentes guardando avaramente os seus segredos, os seus mistérios, o esforço hercúleo da sua inteligência, das suas lutas e o desvio que promoveu a sua queda e o seu desaparecimento. A grande Esfinge da Vida continua estática, olhando na sua fixidez de mistério indecifrável, esperando ver surgir das profundezas da Terra o Sol vivificador que traga em seus raios um fluido divino que dê aos homens o sentido espiritual da vida. E, todavia, é o mesmo o sol que iluminou Sócrates e os juizes e que iluminou Jesus e Judas.

É o sol que ilumina exteriormente, que dá forma às coisas e vida material aos seres vivos. Mas o Sol que ilumina as consciências, que lhes dá o verdadeiro sentido da vida — sentido todo espiritual, intrínseco, esotérico, já a Esfinge o viu nascer lá, também, para as bandas do Oriente, há dois mil anos, naquelas terras cálidas da Judéa inculta.

Sucederam-se gerações, e esse Sol que parecia trazer-nos as primícias dum mundo rejuvenescido, apagou-se quasi por completo no coração dos homens,

talvez porque o seu brilho era demasiado forte para o poderem encarar de face, e porque se viam, assim, obrigados a mostrar à luz do dia novo as chagas de que o seu espírito enfermava e as quais procuraram ocultar sob os ouros duma civilização mundana, toda exterior, plena de comodidades materiais mas pobre de comodidades espirituais.

Porém, esse Sol que, como dádiva divina, nos veio do céu, desceu para o ocidente, mas não teve aí o seu ocaso; ele continua brilhando, ainda que fracamente, nas consciências que a civilização cristã — fruto sazoadado desse Sol bendito — formou. Ele espera que as núvens que empanam ainda o seu brilho se dissolvam para poder irradiar de novo sobre este planeta tão irrequieto e tão necessitado de luz. Agora, que a ciência alcançou um ponto culminante na espiral que a conduz ao Foco Supremo de toda a sabedoria, agora, que a humanidade parece ter alcançado a sua maioridade intelectual e se lhe não pode já falar por parábolas ou por metáforas, é lógico que um novo sentido da vida oriente as suas descobertas para o Bem comum e deixe de as aplicar no extermínio, na destruição dos valores morais que ainda lhe restam e de todas as riquezas materiais que sucessivas gerações acumularam num esforço titânico de bem-fazer, e as aplique na construção de novos valores sob a bandeira do Cristo, portanto, num sentido puramente espiritual.

Só quando todos os esforços construtivos se enca-

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

As curas de Lady Clerk

O grande cotidiano *Paris-Soir* publicou, em Maio último, um belo artigo subscrito por René Barotte, acerca das curas magnéticas de Lady Clerk, que desempenhou em tempos importante missão em Paris, na qualidade de embaixatriz da Grã-Bretanha.

É interessante resumir aqui esse artigo, para edificação daqueles que descrevem da eficácia dos tratamentos magnéticos. Ficarão sabendo que o dom de curar pela imposição das mãos é realidade inegável que ninguém pode desvirtuar, por grande que seja a má vontade ou o cepticismo.

Lady Clerk prestou serviço, como curadora, nos hospitais de Boucicaut e Trousseau, onde era recebida com as maiores deferências, quer pelos doentes, quer pelos próprios médicos, sob cuja direcção trabalhava, principalmente na cura de doenças rebeldes à terapêutica alópata.

O jornalista conta como encontrou o Doutor Marlaas numa exposição de escultura realizada em Paris por Lady Clerk, como teve conhecimento do seu poder curador e como ela fazia passes magnéticos aos doentes que não achavam alívio na medicina.

O Doutor Marlaas mostrou-lhe um arquivo enorme de atestados médicos e de observações feitas em doentes tratados pela antiga embaixatriz, quando habitava no «faubourg» Saint-Honoré. Era curioso. Enquanto seu marido servia a causa de Eduardo VII, ela entregava-se, voluntariamente e alegremente, à causa dos enfermos que lhe eram enviados por médicos do seu conhecimento. A acção que desenvolvia era a título experimental e sempre sob o controlo absoluto dos médicos.

Primeiramente, a Faculdade mostrava-se descrente. Mais tarde, porém, em face dos resultados obtidos pela embaixatriz, a relutância desapareceu e médicos houve, como Morlaas, Trémolières e o oftalmologista Favory, que se colocaram ao lado de Lady Clerk.

E assim foi que cerca de quinhentos enfermos, quer minhareem paralelamente aos Evangelhos, aurindo dê-

les a seiva que os vivificará encaminhando-os num sentido novo, é que a humanidade poderá ver irradiar do íntimo da sua alma o novo Sol da justiça, da bondade e da fraternidade que devem existir entre irmãos, que todos somos filhos espirituais do mesmo Pai Celestial que tem acompanhado e auxiliado a nossa evolução e nos deu a consciência da nossa personalidade para que O descobrissemos dentro das nossas almas e O manifestássemos em actos de amor puro, porque a Sua actuação é toda amor, abnegação, altruísmo.

em França, quer no estrangeiro, foram tratados por esta grande curadora, por meio de passes magnéticos, tendo os resultados sido excelentes, principalmente em afecções dos olhos e doenças de pele rebeldes a todo o tratamento.

O jornalista conversou, uma vez, com Lady Clerk, a respeito de tão estranhas faculdades.

— Há muito tempo que senti a força deste fluido. Um dia, tive, naturalmente, a idéa de experimentar nos meus semelhantes o poder magnético que possuía. Foi assim que comecei a fazer algumas experiências em pessoas amigas. Quando meu marido representava o governo britânico em Praga, fui levada a falar com o presidente Masaryk, acerca desta terapêutica. E, graças a ele, pude realizar nos hospitais checoslovacos e sob a vigilância de médicos eminentes, as minhas primeiras curas eficazes. A notoriedade do meu nome fez-me, então, trabalhar afanosamente, chegando a tratar dois ou três doentes ao mesmo tempo.

«Quando cheguei a Paris, há coisa de alguns anos, resolvi prosseguir nos meus trabalhos. Falei nisso a Jacques Maritain, que se interessava por todos os problemas psíquicos. Este, por sua vez, apresentou-me ao Dr. Morlaas, que me franqueou a entrada nos hospitais de Paris, com a condição de que os meus tratamentos seriam sempre feitos debaixo de rigorosa vigilância médica.

«É inútil dizer — acentuou a embaixatriz — que todos os casos que me confiam são, geralmente, considerados rebeldes a toda a terapêutica. Em cada doente, faço as imposições necessárias. Não tenho, é claro, a pretensão, de curar todas as doenças; mas é bem evidente que tenho conseguido muitas melhoras, em certos casos e sobretudo nas crianças.

Certo dia, René Barotte encontrou a embaixatriz, precisamente na altura em que ela esperava uma doente de dez anos de idade, a quem tratava, havia muitas semanas, de deformação da vista. A cura foi concluída. A princípio, a petiza não conseguia distinguir o quadro preto, na aula. Mas, desde as primeiras sessões com Lady Clerk, o seu estado melhorou muitíssimo. Aquela sessão foi rápida. A petiza, já habituada ao tratamento, deitou-se numa poltrona. Lady Clerk cobriu-lhe os olhos com um pano branco e começou a fazer-lhe passes na região frontal. Em menos dum minuto, a criança adormecia profundamente. Mas não se tratava de sono hipnótico. A embaixatriz inclinou-se durante alguns momentos sobre a doente, multiplicou os passes e pareceu concentrar toda a vontade num ponto determinado. Pouco depois, a criança despertou docemente e fez a seguinte confidência ao articulista:

— Agora, vejo muito bem as duas estátuas douradas que estão nos Campos Eliseos. Vejo, também, as grandes chaminés que se erguem nos telhados. Na escola, já posso ir ao quadro sem dificuldade, como to-

dos os outros alunos. Desde que conheço a senhora embaixatriz, a minha vida é bem diferente...

Barotte termina o artigo, perguntando se Lady Clerk não nos teria feito regressar à época do mesmerismo. Depois, acrescenta:

— Com efeito, ela não usa encenação alguma e serve-se, tão somente, do seu poder magnético, para fins científicos. Ela não é médica e só aceita os casos indicados pelo corpo médico, para bem da investigação científica. Aliás, o número de doentes tratados é tanto mais reduzido, quanto a cura é fatigante, não lhe sendo possível fazer mais que certo número de curas por ano.

E termina:

— Lady Clerk voltou, por algum tempo, à Inglaterra, depois de eu lhe haver desvendado o seu segredo. Lá trabalha, tranqüilamente, na pintura, que abandonou durante algum tempo. Singular destino o desta artista-terapeuta que se esforça por ocultar ao mundo os dons que possui, dedicando-os às crianças, numa sala modesta de hospital.

A obsessão e a sua cura

O *World Service Group*, de Londres, convidou o Dr. Charles Wickland, autor do famoso livro «Trinta anos entre os mortos», a falar da obsessão e a sua cura, bem como o sr. Collen-Smith.

Primeiro, falou o sr. Collen-Smith, que se mostrou convencido da interferência dos espíritos, isto é, da obsessão, embora, em muitos casos, verificasse que não havia obsessão, mas simplesmente qualquer defeito físico que produzia o desequilíbrio mental. Depois, descreveu vários casos por tratamentos osteopáticos.

— Muitos casos de obsessão me têm sido apresentados — continuou —. Um deles deu-se na pessoa duma rapariga católico-romana, mental e fisicamente afectada. Senteia-a numa cadeira voltada para a parede e aproximei-me por detrás dela, para lhe fazer passes magnéticos. Quando a minha mão chegou perto do seu corpo, os seus braços projectaram-se em espasmo.

«Continuei a fazer passes e, por fim, com um rápido passe longitudinal, da cabeça aos pés, isolei-lhe o espírito obsessor da aura. Acto contínuo, apareceram-lhe duas nódoas vermelhas, do tamanho de dez centavos, na parte posterior do pescoço. Ela caiu para a frente e permaneceu, ainda, em silêncio, durante muito tempo.

«Quando se levantou, disse:

— «Meu Deus, que me fizeste? Após um ano, é a primeira vez que sinto os membros dos corpo.

Entretanto, o sr. Collen-Smith (que é médium) viu, clarivamente, a forma do espírito e verificou, por clariaudiência, que se tratava dum irmão da doente chamado «Will», antigo engenheiro, morto havia dez anos, em virtude de uma pneumonia e extracção de dentes, o qual declarou que fôra obsidiado por uma sua empregada, falecida recentemente.

Num inquérito realizado, o sr. Collen-Smith observou a verdade de todos os pormenores. A doente curou-se e retomou as ocupações normais.

Collen-Smith chamou a atenção para a diferença entre o seu processo e o do Dr. Wickland. O pri-

meiro, confiava nos passes magnéticos e procurava afastar do médium o espírito obsessor; o segundo, applicava primeiro a electricidade estática ao doente, para afastar o espírito obsessor que controlava o médium (Dr. Wickland) e ao qual se pediu que se retirasse com os espíritos curadores.

O Dr. Charles Wickland disse que estivera sempre ansioso por obter resultados que convencessem os seus colegas médicos da realidade da obsessão.

Não era, como se tem, frequentemente, afirmado, a única causa de loucura ou desequilíbrio mental; era, todavia, causa freqüente que ele podia testemunhar, com o auxilio da bela mediunidade de sua esposa.

A sr.^a Wickland era médium e nunca foi prejudicada, ao sofrer o controlo de espíritos obsessores desalojados dos doentes.

O Dr. Wickland descreveu, então, alguns casos.

Havia certa rapariga cujo corpo era duplamente corcovado e ninguém a podia convencer a sentar-se direita. Mercê de tratamento adequado, afastou da doente o espírito obsessor, que declarou haver quebrado a espinha dorsal, quando pertencia ao número dos vivos e não se podia endireitar.

Alguns médicos presentes foram convidados a fazer perguntas. Um disse que era completamente estranho aos pontos de vista apresentados, mas que ficára muito impressionado e surpreendido, ao ver que a mediunidade se usava para efeitos de cura.

O espírito da rainha Astride materializada em Copenhague

Segundo informa *Psychic News* (N.º 372), num artigo sensacional de que *La Revue Spirite* se acaba de fazer eco, a malograda rainha Astride, da Bélgica, ter-se-ia materializado em Copenhague, com auxilio do médium dinamarquês Einar Nielson. O pastor sueco Martin Liljeblad, da Igreja luterana de Selsingborg, teria tirado fotografias publicadas num livro de sua autoria e que produziu grande reacção no seio das autoridades eclesiásticas.

Liljeblad converteu-se ao Espiritismo há coisa de dezoito meses e realizou conferências e demonstrações espiritas em diferentes cidades suecas. Parece que o médium incorporou também o célebre Arcebispo Nathan Soderblom.

Psychic News afirma que o pastor teria sofrido dois meses de suspensão, em virtude da sua grande actividade espirita. Agora, procuram fazê-lo passar por louco, no intuito de pôrem termo ao escândalo.

Acaba de ser publicado um segundo livro do pastor, e a sua reputação de «mártir» concede-lhe ouvinhas cada vez mais numerosos.

Alguns espiritas suecos que chegaram a Londres declararam que o médium trabalhara debaixo do mais rigoroso controlo: luz vermelha, três máquinas fotográficas, instantâneos, o médium e a rainha Astride, tudo, enfim, absolutamente visível ao mesmo tempo. A rainha falou em sueco e foi deslocada, juntamente com o médium.

A comparação das fotografias da rainha, quando viva, com as do seu espírito materializado, são idênticas e não se prestam a dúvidas. Finalmente, corre em Londres que o Rei Leopoldo é espirita e que costuma ir a Inglaterra fazer experiências e comunicar com o espírito da formosa mulher que todo o mundo chorou.

O Espiritismo na rádio-difusão

Um dos mais retumbantes acontecimentos espíritas mundiais foi, sem dúvida a inauguração da «Hora Espirita Radiofônica» na estação Rádio Transmissora PRE-3, do Rio de Janeiro, em 1 de Junho último, e sob os auspícios dum grupo de obreiros da mais fina têmpera, à frente dos quais se encontra o incansável Leopoldo Machado, polemista de respeito com quem os nossos adversários têm de contar, nos seus ataques ao Espiritismo. Depois do livro e da imprensa, o microfone apresenta-se como extraordinário veículo da Doutrina, e de tão promotoras realidades, que o caso despertou a atenção da Sociedade de Medicina e Cirurgia da capital carioca, levando-a a protestar, não sabemos em nome de que princípios, contra aquele *horrível crime*, a ponto de pedir ao governo da nação que proibisse a difusão de semelhantes desacatos ao bom senso, nessa altura encarnado na dita Sociedade, a que, aliás, pertencem verdadeiras sumidades científicas, dignas do maior respeito.

O quê? O Espiritismo pela rádio? Cruzes, canhoto!... Antes uma nova conflagração, de aspecto melodramático e que não deixasse pedra sobre pedra, do que essa praga do Espiritismo, que faz loucos e mentecaptos. Antes um novo dilúvio! E as batarias assestaram-se e às contravérsias surgiram, de todos os lados, pró e contra a inovação, obrigando os diários a encher páginas e páginas de crítica severa, consoante as ideias de cada um.

Mas a inauguração da «Hora Espirita Radiofônica» resultou autêntico sucesso. Falou, em primeiro lugar, Leopoldo Machado, expondo os objectivos do empreendimento e a forma como seriam organizados os programas. Depois, seguiu-se o Presidente da Federação Espirita Brasileira, o da Liga Espirita do Brasil, o da União Espirita Suburbana, respectivamente, Drs. Guillon Ribeiro, Leôncio Corrêa e Henrique Andrade; o jornalista Brandão da Rocha, pelo vespertino *Vanguarda*, Humberto de Aquino, pela associação «Obreiros do Bem», Rocha Garcia, tesoureiro da «Hora» e o prof. Ismael Gomes Braga, todos ventilando assunto especial, para dar maior variedade e relêvo ao evento.

A segunda parte consistiu na irradiação de «O sonho de Donizete», dramatização do nosso amigo Leopoldo, que teve êxito estrondoso, tão estrondoso, que os pedidos de repetição surgiram, em número considerável.

E desde o dia 1 de Junho último, tôdas as quintas feiras, às 18 horas, as antenas da PRE-3 emitem, em propaganda sistemática, programas sempre interessantes e de todos os lados acorrem bemfeitores, trazendo donativos para a «Hora Radiofônica».

Os médicos da S. de M. e C. continuam a protestar contra a irradiação e dirigem-se ao Presidente da República, quasi a pedir de mãos postas que «extirpe o cancro do Espiritismo», visto não haver justificação para que a «peste

rôxa» entre livremente no domicílio de cada um, danificando lares e penates. Por outro lado, os médicos espíritas varrem a têsda e provam a infantilidade dos argumentos adversos. Há acesa luta, como se vê nas centenas de artigos, exposições, entrevistas, em letra garrafal e nas primeiras páginas das gazetas. Mas a S. de M. e C. não leva a melhor, porque o nobre povo brasileiro não está habituado a cangas subser-vientes e deseja inteira liberdade para ler e ouvir o que quizer. Demais o Espiritismo dá altos exemplos de generosidade e altruísmo, que não são muito fáceis de imitar, e nisto reside, principalmente, o seu maior factor de propáganda.

Aos dirigentes da «Hora Espirita Radiofônica», as nossas saudações, com votos de longa vida ao microfone. Pudessemos nós imitá-los, no rincão lusitano!...

Um fotógrafo que se espanta

Mundo Espirita de 9 de Setembro insere uma curiosa notícia extraída do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e que não deixa de ter o seu sabor peculiar. O caso passou-se em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul. O sr. Frederico Elwanger, presidente do Centro Espirita Paz e amor, foi ao fotógrafo, a-fim-de tirar o retrato. Depois de revelar a chapa, o fotógrafo notou um fenómeno verdadeiramente original: ao lado e um pouco acima da cabeça do fotografado, notava-se uma pequena caveira humana, envolvida numa espécie de auréola.

Na reunião do Centro, aquele confrade declarou que, ao sentar-se e pousar para o fotógrafo, fez uma prece em intenção do espírito do dr. Octávio de Moraes, no desejo de que este se materializasse e saísse a seu lado, na fotografia, para a remeter a um amigo que se encontra no Rio.

O sr. Elwanger afirmou que, depois da prece, se sentiu presa de fluidos, tendo o fotógrafo notado que êle se encontrava, realmente trémulo.

Por fim, o fotografado recomendou o máximo cuidado na revelação, pedindo que não retocasse a chapa, pois na mesma appareceria outra pessoa. O fotógrafo não pôde conter o riso. Julgou falar com um desequilibrado. O pior foi no dia seguinte, quando viu uma caveira, ao lado do sr. Elwanger. O caso transcendeu as paredes do laboratório e os noticiaristas rodearam o fotógrafo, que confirmou tudo, mas «não acredita muito que aquilo seja uma caveira»... Em seu entender, deve tratar-se, antes, de defeito da chapa.

Todavia, o que mais o surpreendeu foi o cliente ter avisado de que alguma coisa saíria a seu lado.

Pobre homem! Como não pode explicar o fenómeno, toca a atribuí-lo a um defeito de ordem material. Quantos *fotógrafos* semelhantes não há por êsse mundo, nas artes, nas ciências e nas letras e que, incapazes de explicar, também, certos fenómenos de ordem psíquica, os atribuem a ilusão óptica ou a caprichos do acaso!...

Inauguração dos Trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor

Conforme fôra anunciado, procedeu-se, no dia 5 de Novembro, pelas 21 horas, à inauguração dos trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor, relativos ao ano de 1939-1940.

A sessão realizou-se no salão de conferências da Sociedade Teosófica, à Rua Passos Manuel, N.º 20, cave, amavelmente cedido pela sua Direcção.

Embora o número de sócios do «Luz e Amor», nessa data, pouco ultrapassasse as duas centenas, a assistência era numerosa, notando-se em todos os presentes uma expressão de expectativa e curiosidade.

Presidiu à sessão o confrade Dr. José Joaquim Gaita, na qualidade de delegado da Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, a agremiação espírita mais categorizada que no acto se fez representar, o qual escolheu para assessores os confrades Coronel Faure da Rosa e Vendrell y Mercadal, dois militantes espíritas da Velha Guarda, cuja perseverança e fé nos seus princípios da doutrina são sobejamente conhecidas.

* * *

Antes de abrir a sessão, o presidente da mesa pediu à assistência três minutos de concentração, explicando, para os não espíritas que estivessem presentes, ser este acto preliminar aconselhado para se criar ambiente propício aos trabalhos de carácter espiritual.

Emquanto se cumpria este recolhimento, ia sendo lida pelo confrade Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa, uma prece fervorosa e sentida que suavemente ajudava o auditório neste esforço mental.

Por que se trata duma oração que conforta as almas, convidando-as à meditação e à solidariedade, aqui a reproduzimos, a-fim-de os nossos leitores poderem avaliar o efeito produzido nos assistentes, ao ouvirem fazer a sua leitura.

Eis a prece :

Deus Todo Poderoso! Infinitamente Bom, Infinitamente Justo, Infinitamente Misericordioso!

Para Vós, ergo a minh'alma em prece de agradecimento, por me encontrar entre tantos irmãos que se propõem continuar a difundir a Luz da Vossa Santa Lei.

Senhor! Amparai-me nesta Cruzada, dai-me força, fé e perseverança para a levar a bom termo.

Jesus! Divino e amado Mestre! Modelo vivo de virtudes, exemplo de perfeição que me esforçarei por imitar!

Aqui estamos, novamente, ao serviço da doutrina que pregaste entre os homens.

Baixa o teu límpido olhar sobre nós, Jesus! e vê quanta pureza de intenções, quanta inquebrantável fé, quanto sincero desejo de progresso, nos animam.

Permite que eu possa cumprir, inteiramente, a missão que me foi destinada, e honrar, em todas as circunstâncias, o posto que me competir nesta obra de ressurgimento.

Espíritos Superiores, Mensageiros de Deus e de Jesus, que presidis aos destinos da Humanidade e procurais, a cada instante, encaminhá-la na senda do Amor, da Caridade, do Bem e da Justiça!

Lançai sobre nós os vossos fluidos vivificadores para que não possamos esmorecer no ardente desejo de progresso espiritual, à sombra da bandeira fraterna do Espiritismo.

Velai por nós, para que a nossa confiança no futuro que preparamos para a Causa, não possa ser perturbada e, assim, todos unidos, com uma só vontade e uma só fé, possamos constituir verdadeira força ao serviço da Verdade.

Espíritos Guias e Tutelares do Centro Espiritualista «Luz e Amor»!

Eis-nos, de novo, reunidos, para receber as vossas inspirações e cumprir os vossos ensinamentos.

Iluminai as nossas consciências, com as verdades sublimes que brotam da doutrina de Jesus. Aclarai o nosso entendimento para que as possamos entender em Espírito e Verdade. Abri os nossos corações à prática de todas as virtudes, para que, pregando e exemplificando a palavra do Mestre, possamos contribuir, com o nosso esforço, para a tão almejada era de Paz e Progresso entre os homens.

Queremos, na nítida compreensão da tarefa que nos foi distribuída, que o Centro «Luz e Amor» seja um baluarte inexpugnável, onde hesitem e parem todos aqueles que para nós não vierem com os corações simples e puros; onde enfraqueçam e morram todas as aspirações que não visem o bem e a tranquilidade de todos os nossos irmãos; onde se esbatam e desapareçam todos os sentimentos que não possam ser qualificados de verdadeiramente fraternos.

Que as bênçãos de Jesus e a protecção dos seus Mensageiros desçam sobre nós, ao iniciarmos os nossos trabalhos.

Aberta a sessão, o presidente da mesa usou da palavra para agradecer à direcção do Centro E. «Luz e Amor», em nome da agremiação sua representada, Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, a honra de ter sido investido na presidência.

Afirmou que esta sociedade via com muita simpatia o regresso à actividade do «Luz e Amor». Desde a primeira hora se encontra a seu lado no bom combate pela causa, pois é sua convicção de que cada centro espírita que surge é mais um potente farol a rasgar as trevas do materialismo desenfreado que subverte o mundo; é mais um obreiro da seara do Senhor, decidido a lutar com perseverança e fé contra as forças do mal, que tanto torturam, na hora actual, os povos e as nações.

O momento é trágico e de sacrifícios. É preciso mobilizar todas as forças espirituais e morais para se opor um dique intransponível à onda de abominação e iniquidade que afoga a humanidade sofredora. Por isso, o «Luz e Amor», que volta a ocupar o seu posto, pode contar com a solidariedade e apoio da Sociedade Portuense, no caminho espinhoso que vai trilhar.

Congratula-se por ver anunciada a realização do 2.º Congresso Espirita Português; e, para que essa aspiração se transforme em realidade, promete ao «Luz e Amor» uma colaboração eficaz, franca e leal.

Entrando na ordem dos trabalhos, o presidente da mesa, concedeu a palavra ao Presidente da Direcção do Centro E. «Luz e Amor», o confrade Isidoro Duarte Santos, o qual expôs, com geral agrado, os «Novos Rumos» que o Centro se propõe seguir, nesta segunda fase da sua existência.

Como se trata do plano de actividade traçado ao Centro pelos seus Corpos Gerentes, interessando que todos os consócios dele tomem conhecimento, noutro local desta revista se faz a sua publicação.

Seguiu-se no uso da palavra o confrade Secretário Geral, Dr. Dias de Sousa.

Falou acerca da orientação a seguir nas sessões experimentais e anunciou que o Centro se propõe difundir a organização de Grupos Familiares em casa dos sócios que o solicitem. Promete assistência técnica do Centro a todos os Grupos, estando já elaborado o regulamento e as instruções para seu funcionamento.

Demonstrou, com larga soma de argumentos, que só nos Grupos Familiares se poderá obter a homogeneidade indispensável à produção de fenómenos espiritas, cuja análise resista às críticas mais severas. De-

mais, era esta a organização aconselhada, além doutros, por Allan Kardec e Léon Denis, os dois grandes Mestres do Espiritismo. Seguindo os seus conselhos, tem a certeza de colher bons frutos, capazes de convencer os adversários mais obstinados.

Finalmente, sobe ao estrado o confrade Dr. António Lôbo Vilela. Recebido carinhosamente por todos, que assim lhe manifestaram o apreço de que goza no seio da família espirita, o conferente espraçou-se em considerações filosóficas sobre experimentação psíquica e espirita, afirmando, baseado na opinião dos mais categorizados escritores e estudiosos da matéria, que é mais completa, — por mais racional e consoladora — a experimentação espirita.

Os vastos conhecimentos e a cultura de tão autorizado confrade, ficaram evidenciados na forma atraente e sugestiva da sua dicção e no brilho que soube imprimir à sua conferência, sendo-nos inteiramente impossível dar uma pálida ideia do seu trabalho, sob todos os pontos, interessantíssimo.

Ao terminar as últimas palavras, o Dr. Vilela foi aplaudido por toda a assistência.

O confrade presidente agradeceu ao orador a sua bela lição e pediu-lhe que continuasse a dar à doutrina a autoridade do seu nome, a dispensar-lhe os ensinamentos da sua cultura, para que, assim, o Espiritismo pudesse conquistar lugar de primeira grandeza e fôsse o Sol em cuja órbita girassem todas as correntes neo-espiritualistas.

Os trabalhos decorreram num ambiente de elevação e simpatia e foram encerrados com uma nova concentração de três minutos.

Por esse mundo...

(Conclusão da página 8)

girava em torno dum espírito que procurava reparar as faltas que cometera, quando estava na terra.

— Os espiritas ingleses prepararam-se, ultimamente, para intervir nas eleições parlamentares, a-fim-de combater certas iniquidades de que têm sido vítimas.

— A revista inglesa *Psychic News* publicou um artigo acerca da cremação dos cadáveres e refere-se a uma sessão em que o espírito comunicante se queixava de ter sofrido, durante a cremação do seu corpo, por não estar ainda, inteiramente, desligado.

O desprendimento varia, segundo o grau de elevação moral do espírito. Por isso, acrescenta aquela revista que, enquanto os parentes enlutados repousam em suas casas, depois do entêrrão, pode o espírito estar a sofrer horrivelmente, a ponto de justificar a existência do inferno ortodoxo, cheio de medonhos cenários que ultrapassam tudo o que a fantasia pode imaginar.

— O Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espirita de Uberara, continua a escrever grande número de artigos acerca das curas espiritas feitas na-quele sanatório.

— Segundo informa a *Psychic News*, o médium pintor Agostinho Lesage contou que, na sua primeira viagem ao Egito, visitou o Vale das Rainhas, onde há pouco tempo foi descoberta uma povoação, cuja existência data de há 3.500 anos. Num dos túmulos abertos, encontraram um fresco em bom estado que parecia a cópia de certa pintura de Lesage, representando uma cena de ceifeiros, executada muito antes dele ir ao Egito. Houve um arqueólogo que afirmou ser impossível ao melhor dos artistas fazer a reprodução da pintura, sem ter à vista o respectivo original.

— A Tenda Espirita de Caridade, do Rio de Janeiro, adquiriu o prédio n.º 202, da Rua dos Inválidos, que vai ser demolido, a-fim-de ali instalar todos os seus serviços. O edifício constará de sete andares. A Tenda ocupará o 1.º e o 2.º, onde realizará as suas sessões práticas semanais.

— Em Londres constituiu-se uma liga espirita dramática com o fim de propagar a Doutrina no teatro britânico.

— O coronel Luiz de Góis, professor da Faculdade de Medicina de Pernambuco, realizou oito conferências espiritas na cidade de Fortaleza.

— O Dr. Bruno Fuerst, professor da Universidade de Praga, fez experiências de memória e concentração com os seus alunos, no Instituto de Ciências Psíquicas de Nova York.

A ciência é a luz que guia os homens nas trevas.

Linco

NOTICIÁRIO

As nossas conferências

Num ambiente magnífico e perante numerosa e selecta assistência, assistimos no dia 14 de Novembro à primeira conferência da série que o Centro Espiritualista Luz e Amor se propõe levar a efeito, no salão da Sociedade Teosófica de Portugal amavelmente cedido pela sua Direcção.

O conferente foi o nosso consócio coronel Faure da Rosa, que dissertou largamente acerca do «Reencarnacionismo», com a proficiência que lhe é peculiar.

Não podia ter recaído em melhor elemento a análise do assunto. Dêste modo, tivemos o prazer de ouvir uma bela lição de hora e meia, cheia de ensinamentos, lição da qual todos beneficiaram grandemente.

O Vice-Presidente da Sociedade Teosófica, sr. Félix Bermudes, que presidiu, aproveitou o ensejo para demonstrar o seu contentamento pelo facto de se encontrar entre espiritas, visto os princípios que informam a doutrina teosófica terem pontos de contacto que irmanam, em parte, as duas ideologias. Terminou, explicando a teoria do Karma e aconselhando todos os presentes a praticar o bem pelo bem, a-fim-de atenuarem o seu futuro.

Por fim, o Secretário Geral do Centro falou acerca dos nossos objectivos, pedindo a todos que não esquecessem a necessidade de se unirem, de maneira que facilitassem a tarefa da Direcção.

— A segunda conferência, a que presidiu o consócio Dr. Sebastião Elviro Martins, presidente da Assembleia Geral, realizou-se no dia 17 do corrente.

Sobre o tema, «Os fenómenos do Espiritismo», dissertou o presidente da Direcção do Centro, sr. tenente Isidoro Duarte Santos, que bordou interessantes considerações de ordem moral, científica e filosófica, a respeito de cada um dos fenómenos cujo relato fazia.

A assistência que ouviu vivamente interessada toda a exposição, dispensou ao conferente, no final, uma carinhosa prova de agrado.

O Secretário Geral do Centro deu conta da actividade desenvolvida pela Direcção até agora, e apresentou os resultados, que não podem ser mais animadores nem mais compensadores.

Campanha pró-sede do Centro

Em virtude do nosso movimento associativo se ter intensificado extraordinariamente, verificamos a necessidade duma sede própria, onde possamos instalar os serviços do Centro e da revista «Estudos Psíquicos». Muitos são os consócios que almejam por este melhoramento, certos de que os adeptos acorrerão com suas cotas, reforçando o já grande número de sócios que nos honraram com a sua inscrição. E a-pesar-de já termos ofertas de mobiliário e donativos valiosos que hão de facilitar a nossa aspiração, a prudência manda sofrer os naturais anseios e aguardar a oportunidade,

que não se fará esperar, certamente. De-vagar, para chegar depressa, como diz a sabedoria do povo.

Descansem, que tudo se fará a seu tempo. O Centro Espiritualista Luz e Amor é uma força real e progressiva, dentro do movimento espirita português. É impossível deixar de reconhecer este facto, tão evidentes e palpáveis são os seus efeitos, em centenas de almas que se dispuseram a lutar pela doutrina espirita, depois de se haverem regenerado, à luz dos mais belos ensinamentos.

Propaganda espirita

Por terem chegado tarde ao nosso conhecimento, só agora nos referimos às notícias que *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* publicaram acerca das conferências que o sr. Dr. António J. Freire realizou no Porto e em Viana do Castelo, em Outubro findo. As duas primeiras, realizou-as em Viana, a convite dos confrades desta cidade e foram subordinadas ao título de: «*Influência do neo-espiritualismo no pensamento contemporâneo*» e «*Da clarividência e das premonições supranormais*». Esta última, teve lugar na residência do nosso confrade sr. João Leão Quartin. A outra, realizou-se no «Viana Futebol Clube» e foi presidida pelo Presidente desta agremiação, sr. Teles de Azevedo, secretariado pelo 1.º tenente A. Morais Serrão, capitão do porto, e pelo Dr. Mendes Carneiro, professor do liceu.

As duas conferências realizadas no Porto, a convite da Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, intitularam-se: «*Alguns aspectos da crise da morte e do mundo astral*» e «*Do conceito da evolução dentro do Espiritismo*».

Curso popular de Espiritismo. — Os nossos confrades srs. Custódio Rodrigues e Oscar Leitão enviaram-nos um interessante alvitre que veio, precisamente, ao encontro duma ideia que desejamos pôr em prática, logo que disponhamos de sede própria. Trata-se dum Curso Popular de Espiritismo, a-través-de conferências apropriadas e no decorrer das quais serão versados todos os problemas concernentes à Doutrina. Essas conferências serão, depois, publicadas em «separata» desta revista, no caso de os donativos da Caixa de Propaganda serem suficientes para o efeito. E assim, sem outros encargos, os sócios poderão dispor, ao cabo de dois ou três anos, duma pequena enciclopédia espirita, que formará elegante volume. Os assinantes também poderão receber as separatas, mediante pagamento duma sobretaxa de assinatura. Bastará que no-lo comuniquem. Corresponderemos, dêste modo, ao interesse e ao carinho que a família espirita tem demonstrado e demonstra pela nossa modesta obra.

Jornais brasileiros. — Recebemos e agradecemos a visita dos seguintes órgãos brasileiros: *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira; *O Arauto da*

Fé, de Cidade de Astolfo Dutra, Minas; *Amor à Verdade*, de Ribeirão Preto; *A Senda*, de Vila de São Sebastião, Rio Grande do Sul, e o *Boletim Mensal* do Centro Espirita João Baptista, de Dom Pedrito, também do Rio Grande do Sul.

A estes bons amigos que, pela primeira vez, entram nesta casa, os nossos cumprimentos. Todos inserem boa colaboração filosófica e doutrinária.

Festa de Confraternização — Cumprindo o programa que foi traçado, realiza-se, no dia 14 de Janeiro de 1940, a primeira reunião de confraternização, para a qual já foram dirigidos convites à Federação Espirita Portuguesa e Centros federados.

Esperamos que a nossa festa marque uma data memorável na vida do Centro Espiritualista «Luz e Amor», conseguindo reunir sob um só tecto, numa única aspiração, num só desejo, a família espirita portuguesa.

Solidariedade

Para comemorar o Natal deste ano e embora disponha de poucos recursos, o Centro Espiritualista «Luz e Amor» resolveu contribuir com as seguintes importâncias, destinadas aos necessitados socorridos pelas entidades abaixo mencionadas, a quem foram enviados os donativos:

Governo Civil de Lisboa...	20\$00
Federação Espirita Portuguesa ...	20\$00
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas...	20\$00
Centro Espirita «Luz», de Coimbra	10\$00
Centro Espirita de Braga...	10\$00
Total ...	80\$00

Caixa de Propaganda

No intuito de angariar numerário destinado à edição de folhetos de distribuição gratuita, resolvemos abrir esta secção, que muito poderá contribuir para a expansão do Espiritismo. Todos os donativos, grandes ou pequenos, serão acolhidos com a mesma gratidão. Hoje, registamos os seguintes:

Isidoro Duarte Santos ...	5\$00
José Joaquim Gaita ...	5\$00
Pedro Dias de Sousa ...	5\$00
José Augusto Gonçalves ...	5\$00
José Pereira Serra...	5\$00
José Águas Serra ...	5\$00
D. Maria Eugénia Carmona ...	2\$50
Carlos Castelo Lopes ...	2\$50
D. Efigénia Vieira ...	2\$50
D. Maria Rosa ...	2\$50
António Lemos ...	2\$50
José Monteiro...	1\$50
D. Virtuosa do Carmo ...	1\$00
Total ...	45\$00

Auxílio a "Estudos Psíquicos"

Destinados ao Fundo de Auxílio à revista «Estudos Psíquicos», recebemos os seguintes donativos, que profundamente agradecemos:

De F. H. B. J. ...	1.000\$00
» A. F. ...	100\$00
» S. P. I. P. ...	50\$00
Total ...	1.150\$00

Agradecemos, igualmente, todas as contribuições, grandes ou pequenas, tendentes a consolidar a existência desta revista, que surgiu numa hora de grande crise mundial, a que não são estranhas as artes gráficas e a indústria do papel, já cheias de dificuldades para se poderem manter com dignidade.

Oxalá que todos compreendam os sacrifícios que é preciso fazer para sustentar uma publicação deste género, que não dispõe de rendimentos e só vive das assinaturas.

Programa dos trabalhos do Centro E. "Luz e Amor", durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1940, destinados aos sócios e suas famílias

Dia 14 de Janeiro. — Festa de confraternização, constando de palestras, contos espiritas, declamação de poesias, etc., em que tomarão parte alguns sócios do Centro.

Dia 28 de Janeiro. — Conferência pelo sr. Dr. Adriano Vieira Coelho, intitulada: *O Éter, alma universal e atômica*.

Dia 11 de Fevereiro. — Conferência pelo sr. Dr. José Joaquim Gaita, intitulada: *A palavra sem obras não frutifica...*

Dia 25 de Fevereiro. — Conferência pelo sr. Dr. Pedro Dias de Sousa, intitulada: *As materializações de Katie King* (com projecções luminosas).

Os trabalhos principiaram às 15.30 e terão lugar na Rua Passos Manuel, 20-Cave.

ATENÇÃO

Rogamos a todas as pessoas a quem temos enviado «Estudos Psíquicos» e que não desejem ser assinantes, o obséquio de devolverem os números em seu poder.